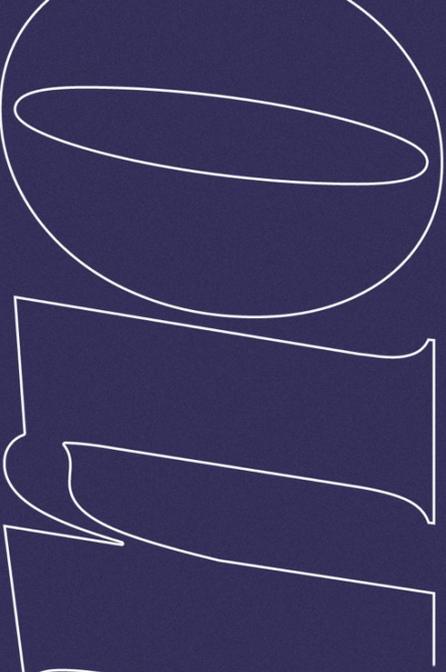


Efésios



LIVRES
CHURCH



1. Todas às bençãos em Cristo.....	03
2. Corações iluminados para conhecer o Cristo	25
3. Salvação pela Graça.....	39
4. A nova humanidade da Paz.....	51
5. O mistério pelo qual vale a pena sofrer.....	66
6. Pelo que vale a pena Orar?.....	78
7. Unidade: O chamado de Cristo para a igreja.....	88
8. Nova vida, Nova mente.....	108
9. Enchei-vos do Espírito.....	118
10. Não como tolos.....	131
11. Casamento: a vitrine de Cristo para o mundo.....	144
12. Não sejam parciais em suas relações.....	162
13. A verdadeira batalha da igreja.....	178



TODAS AS BENÇÃOS EM CRISTO.

Efésios 1: 1-14

A individualidade é a marca de um modo mundano de se pensar. Porém, não é incomum encontrá-la nas práticas e compreensões daqueles que se dizem cristãos.

A frase “a salvação é individual” é declarada e repetida em alto e bom som por aí. Fala-se de perdão de pecados pessoais, de sentir-se bem consigo mesmo e de batismos que não inserem indivíduos em um corpo. Passa longe o significado central do que é ser igreja.

A carta de Paulo aos efésios cai como uma bomba nas estruturas de pensamento que sustentam nosso egoísmo. Ficamos com John Stott, que é certo ao afirmar que ninguém que leia Efésios chega à conclusão de que o evangelho pode ser vivido individualmente. Pelo contrário, essa rica e preciosa epístola deixa bem claro o propósito do Senhor: criar um povo santo e separado para o louvor de sua glória e a evangelização do mundo.

Deus criou, em Cristo, uma nova sociedade e nos convida para fazer parte dela. Compreender isto muda tudo!

O humilde enviado de Cristo

O autor da carta aos Efésios se apresenta como apóstolo de Cristo Jesus. O nome dele é Paulo, mas nem sempre ele foi chamado assim. Nascido e criado em Tarso, onde viveram grandes figuras da história, como Pitágoras, o judeu Saulo se destacava dos demais por sua prodigiosa educação.

Saulo, de nome imponente que homenageia o primeiro rei de Israel, Saul, foi educado aos pés do famoso rabino Gamaliel, neto de Hilel, um dos maiores pensadores do judaísmo. O mestre Gamaliel compunha parte do Sinédrio, que era o conselho dos 71 sábios de Israel que tomavam as decisões sobre o andamento da nação.

A palavra “apóstolo” é uma transliteração do termo em grego que quer dizer “enviado”. Acabamos por transformar essa palavra em um título de autoridade para os maiores, porém, sob a pena de Paulo, o termo tem uma diferente conotação. Paulo se declara apóstolo pois foi comissionado e enviado para proclamar uma única e poderosa mensagem, o evangelho de Jesus Cristo.

A ele, que se considerava o menor de todos os irmãos (Ef 3.8), foi dado anunciar as riquezas inigualáveis das boas novas de Cristo. Para revelar a magnitude constrangedora do evangelho aos crentes da cidade de Éfeso, Paulo não economizou palavras. Seu objetivo com a carta é fundamentar a igreja no firme alicerce de Cristo. E ele estava plenamente ciente de que antes do “fazer” da igreja, vinha o “ser” igreja em Cristo Jesus. Este é o entendimento que guia toda a estrutura da carta (e que deve nos guiar também).

Os indicativos e imperativos do evangelho

Em Efésios, Paulo só fala da prática da igreja após lançar os alicerces acerca de quem é o responsável e o que foi feito para que a igreja viesse a existir.

A Igreja de Cristo (com “I” maiúsculo), que se manifesta pela igreja local (com “i” minúsculo), não surgiu porque algumas pessoas pensaram que seria uma boa ideia. Pelo contrário, a igreja é a consequência, o propósito e o resultado da obra perfeita de Cristo. Portanto, é nessa obra perfeita que ela deve estar fundamentada.

O plano de Deus para a igreja sempre foi fazê-la existir para o louvor de sua glória. Por isso, Paulo divide sua carta em duas metades:



1. Capítulos de 1 à 3: a história da salvação e a apresentação do evangelho de Cristo. Aqui estão as declarações doutrinárias sobre os atos de Deus em sua obra de redenção. Chamaremos esses capítulos de indicativos do evangelho.
2. Capítulos de 4 à 6: instruções voltadas para a prática da igreja e sua ética que resulta do evangelho, o que pode ser denominado como os imperativos do evangelho.

Essa ordem é intencional e não pode ser alterada. Evangelho em primeiro lugar, igreja em segundo. Os indicativos da graça na primeira parte, os imperativos na segunda. A consequência de inverter essa ordem é catastrófica e resulta em todo tipo de deturpação daquilo que realmente é ser e fazer igreja.

A igreja não é uma comunidade que prega suas práticas, moralidade e ética, mas que expressa o evangelho através de suas práticas, moralidade e ética. Ninguém deve ser chamado a praticar a moral cristã para então ser parte da comunidade sem antes experimentar a graça transformadora do evangelho.



Um resumo do evangelho.

Na tentativa de expressar por palavras as grandezas do evangelho, Paulo faz declarações tremendas no decorrer de Efésios:

- Em Ef 1.7 ele afirma que, em Cristo, temos a remissão e a redenção dos pecados segundo as riquezas de sua graça;
- Em Ef 1.8 diz que a graça é derramada abundantemente sobre a igreja;
- Ef 1.9 expressa a suprema grandeza do poder de Deus em Cristo;
- No verso 18 do capítulo 1 declara que os crentes são ricos na glória de sua herança em Cristo;
- Em Ef 2.4 Deus é descrito como rico em misericórdia;
- Já em Ef 3.8 o evangelho é o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo;

- No versículo 19 do mesmo capítulo se lê que o amor de Cristo excede todo o entendimento;
- E o verso 20 não economiza nos termos para dizer que Cristo é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo que pedimos ou pensamos, por todas as gerações e para todo o sempre.

Perceba algo central na teologia de Paulo: é tudo sobre Jesus. Maravilhar com as “insondáveis riquezas de Cristo” é o objetivo. Efésios 1.3 é a chave para compreender este propósito:



“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo.”

Este versículo é um resumo do evangelho que contém potentes verdades. Essas verdades guiam todo o restante da epístola. Vejamos quais são elas.

Toda a Trindade está envolvida no plano da salvação

O Deus Pai enviou seu filho Jesus para nos abençoar com todas as bênçãos espirituais por meio de seu Espírito. Ainda que a pessoa do Espírito Santo não seja diretamente mencionada no verso, na teologia paulina, quando o assunto é espiritual, sempre envolve o Espírito de Deus, que é mencionado mais à frente (1.13).

Somos abençoados nas regiões celestiais

Paulo toma cuidado para que percebamos a vida como ela realmente deve ser percebida. Há uma realidade para além do que os olhos podem ver: as regiões celestiais. Existem realidades eternas que pertencem à dimensão do Reino de Deus, como nos ensina o Senhor, dizendo: “Pai nosso que estás nos céus”.

Céu é o ambiente invisível ao nosso redor, não algo distante e inalcançável. É onde Deus habita e se relaciona conosco. O conceito de “regiões celestiais” é caro para Efésios. O termo se repete diversas vezes na carta e expressa onde Cristo exerce seu domínio, onde somos abençoados, o lugar onde a igreja trava sua verdadeira batalha (Ef 6.12) e onde todo crente está no Senhor (Ef 2.6).



Todos aqueles que estão em Cristo, independente das circunstâncias deste mundo, estão assentados com ele nas regiões celestiais. Paulo tinha convicção plena desse fato, por isso, mesmo preso em Roma, se considerava prisioneiro de Cristo Jesus (Ef 3.1). Ele tinha certeza de que, para muito além de sua prisão física, ele estava com o Senhor, sendo ricamente abençoado.

Da mesma forma que era sob essa realidade que vivia o apóstolo, sob ela também deveria viver a igreja dos efésios. Éfeso era uma grande cidade portuária, sendo um centro comercial de extrema importância para o império romano. Conhecida como a primeira grande metrópole da Ásia, abrigava o templo da deusa Diana, sendo central para a idolatria.





Os irmãos não deveriam temer a pressão ao seu redor, pois, muito antes de estarem cercados pela grande Éfeso, eles estavam em Cristo. A grande realidade sobre qualquer realidade se encontra em Jesus.

Não obstante, a intenção do Senhor ao criar sua igreja é para que ela manifeste a “multiforme sabedoria de Deus aos poderes e autoridades nas regiões celestiais” (Ef 3.10). A igreja é um testemunho da graça para céus e terra.

Todas as bênçãos estão em Cristo

Jesus é tão central na teologia paulina que ele utiliza a expressão “em Cristo” 36 vezes durante a carta. É em Cristo que se encontram todas as bênçãos de Deus. Nele, aqueles que lhe pertencem, não possuem apenas algumas dádivas, mas todas elas.

Aprouve ao Senhor conceder à sua igreja todo o resultado da restauração da obra perfeita de seu filho. Ele faz de seu povo herdeiro de todas suas promessas e coerdeiro com Cristo de todas as coisas. Não existe riqueza maior do que a que foi dada gratuitamente para a família de Deus.



As 7 bênçãos da igreja em Cristo

Eféios 1.3 é tão bombástico que os 11 versículos seguintes são utilizados para elucidar quais são as bênçãos contidas em sua breve afirmação (Ef 1.4-14). Iremos destacar sete das dádivas que estão sobre a igreja por causa da riqueza do evangelho de Cristo.

1. Deus nos escolheu (1.4)

A predestinação é um tema que gera muitos debates. No entanto, deixemos as polêmicas de lado para focar nos fatos. O evangelho não começa em nós, mas é inteiramente obra de Deus em Cristo Jesus. Ele escolheu os seus antes da fundação do mundo. Antes de criar todas as coisas, o Senhor já havia decidido formar um povo para si. A igreja sempre foi seu propósito. Ele escolheu os seus

para serem “santos e irrepreensíveis” diante Dele, e não por serem santos e irrepreensíveis. Do começo ao fim, a salvação é obra de Deus.

2. Deus nos adotou como filhos (1.5)

Nossa salvação não foi um acidente, mas uma adoção planejada por Deus. O Pai não apenas nos justificou, cancelando nossas dívidas, ele nos inseriu em sua família. Somos membros da família de Deus pela adoção de filhos em Cristo Jesus. E o Espírito Santo que habita em nós testifica isso gerando o clamor pelo “Aba Pai”. Oramos como Jesus orava porque nos tornamos filhos de Deus.



3. Deus nos redimiou (1.7)

Redenção não é um sinônimo de salvação, é uma palavra com propósito específico. Na época de Paulo, se alguém era escravo ou estava em algum tipo de cárcere, sua dívida poderia ser paga por um redentor. Aquele que redimisse outro pelo devido preço se tornava dono do redimido. Fomos comprados pelo sangue de Jesus. E ele não nos libertou para uma nova prisão, mas para a liberdade dos filhos de Deus que decidem se submeter ao seu senhorio em amor. Ser igreja é, portanto, pertencer a um povo livre que livremente serve a Jesus.

4. Deus nos perdoou (1.7)

Não há pecado que não tenha sido perdoado em Cristo. O perdão de Deus é o acesso a uma relação com ele.

Este mesmo perdão que nos leva à sua intimidade transborda em nossas relações como igreja. O perdão é para nós e para aqueles que estão perto de nós.

5. Deus nos revelou seu mistério (1.9)

O Senhor nos revelou o mistério de sua vontade: a restauração de todas as coisas por meio de Cristo Jesus. Ninguém poderia chegar a essa conclusão por inteligência, perspicácia ou merecimento, foi a graça que tornou o evangelho conhecido. Cristo é o resumo de todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais e, aprove a Deus, lhe revelar a sua igreja e a comissionar para revelá-lo ao mundo.



6. Deus nos fez herdeiros (1.14)

Como filhos de Deus recebemos tudo aquilo que Jesus conquistou na cruz e por meio de sua vitória na ressurreição. Por causa de Cristo o povo de Deus herdará todo o universo restaurado. Toda a continuidade das nossas relações estará presente na restauração final. Viveremos a existência comunitária e eterna onde Jesus é e sempre será o centro e fonte de tudo.

7. Deus nos selou com a garantia do seu Espírito Santo (1.13-14)

Quando somos inseridos na revelação de Cristo, somos selados com seu Espírito. Este selo diz respeito à autenticidade, pois somos verdadeiramente filhos de Deus, e a propriedade, porque pertencemos a Ele. O Espírito Santo em nós é a garantia da presença constante de Deus conosco até a posse de nossa herança eterna

O Senhor não reside em sua plenitude no indivíduo, mas no corpo e família de Cristo, sua igreja.

O firme alicerce sobre o qual a igreja está.

Neste primeiro capítulo de Efésios, Paulo lança os fundamentos firmes sobre os quais está edificada a igreja de Deus. É a riqueza magnífica do evangelho que a sustenta e direciona em tudo que ela é e faz. Sem o evangelho, não há igreja, apenas religiosos pregando mais um sistema de moralidades. Mas com o evangelho, a igreja é a família de Deus que manifesta seu Reino no mundo físico e espiritual.

A igreja faz parte do plano de Deus em Cristo Jesus para a salvação. O que pensamos e dizemos sobre a igreja, pensamos e dizemos sobre Cristo. O Espírito Santo no meio de seu povo é a garantia de todas as bênçãos espirituais.

E como a igreja responde a isso? Na mais perfeita adoração em amor.

Amar a Deus é também amar aqueles que carregam a sua imagem e Espírito. Logo, amar é estar perto, servir, acolher, ensinar e perdoar. Amar é ser igreja.

Perguntas para reflexão:

1. Você já foi ferido pela igreja e se distanciou dela? É inevitável que isso aconteça, porém, um pecado não pode justificar o outro. Não deixe que os erros das pessoas afastem você da comunhão com o corpo de Cristo. A igreja pode errar, mas o Senhor continua a amando e aperfeiçoando.
2. Uma vida de igreja que não surge de uma compreensão profunda do evangelho é apenas religiosidade. Você tem vivido as relações na igreja por causa das riquezas do evangelho ou por outras motivações?
3. Você tem amado, servido e cooperado com a família de Cristo?

4. Você tem se sentido desfavorecido e sem propósito? Ore ao Senhor e peça que ele lhe dê uma compreensão maior da grandeza das bênçãos espirituais que estão em Cristo Jesus para que você se satisfaça nele e em seu povo.



CORAÇÕES ILUMINADOS PARA CONHECER O CRISTO

Efésios 1: 1-15-23

Após expor de maneira tão sublime o evangelho e suas bênçãos em Ef 1.3-14, a primeira ação do humilde apóstolo é orar. Não poderia ser diferente, afinal, como não se pôr de joelhos em oração diante da revelação da graça de Cristo? Dependência e adoração são o resultado de quem recebe a salvação do Senhor. João Calvino resumiu isso muito bem ao escrever:

“A doutrina não é um assunto da linguagem, mas da vida. Não pode ser aprendida apenas pelo intelecto e pela memória como outros ramos da aprendizagem, mas é recebida apenas quando domina toda alma e encontra sua habitação no mais íntimo do coração”.





A oração nos versos de 15 a 23 em Efésios 1 serve de bússola para restaurar nosso real foco como igreja. Se nos esquecermos daquilo que Deus realizou por meio de Cristo através do seu Espírito, tudo que fizermos deixará de ter sentido. O convite do apóstolo é para glorificarmos a Deus e experimentarmos a realidade palpável de seu poder. Para isso, precisamos compreender a fé que nos guia à prática do amor a partir do evangelho.

A fé e o amor (versos 15 a 17)

Paulo dá graças a Deus pela fé e amor dos efésios. Esses são os dois pilares do evangelho de Jesus: o conhecimento do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (fé) que nos leva a amar o próximo como ele nos amou (amor).

Fé é convicção e conhecimento. Muito diferente de um salto no escuro, é conhecer tão bem o caráter de Deus a ponto de ter a certeza de que ele irá te amparar. O conhecimento do evangelho é a razão e a motivação para fazermos tudo aquilo que fazemos como igreja. A fé é, portanto, o indicativo daquilo que somos em Cristo; fundamenta toda a prática do amor.

O princípio da fé no evangelho deve balizar nossa vida como comunidade de Deus. Se invertermos a ordem, colocando o “fazer” antes do “ser”, perdemos o propósito central da igreja.

Primeiro vem o entendimento profundo e transformador daquilo que somos em Cristo, depois as ações de amor que surgem disso. Primeiro os indicativos do evangelho, depois os imperativos. Isto é primordial.

Essas verdades, que são expressas desde Ef 1.3, convergem para a oração que Paulo faz nos versos de 15 a 23. Ele intercede pela igreja para que ela receba o “espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele” (Ef 1.17). O resultado deste pedido é central para nós, pois nos leva a compreender que Deus já nos abençoou em Cristo Jesus.

Não há nada que precisamos fazer para sermos aceitos pelo Senhor. Ele não está esperando obras mirabolantes da sua igreja, para aí então recebê-la e abençoá-la. Pelo contrário, ele já deu a ela todas as coisas em Cristo. Sabendo disso, temos a liberdade plena para praticar o amor, pois já fomos amados.

Quatro são os motivos que guiam a oração do apóstolo e também devem guiar as nossas. Vejamos quais são eles.

Os 4 motivos de oração de Paulo pela igreja (vs 17-23)

1. Olhos do coração iluminados

Paulo ora para que a igreja perceba a realidade na qual foi inserida. Para que isso aconteça, os olhos do coração precisam ser iluminados. Vivemos por muito tempo debaixo de uma independência da presença de Deus. Escravizados por uma suposta autonomia do Senhor, nos tornamos cegos para sua revelação. Sem que o íntimo de nosso ser seja iluminado por Cristo, não podemos enxergar um palmo à nossa frente.



Quando a luz do evangelho de Cristo dissipa as trevas do nosso coração, passamos a enxergar e a compreender quem somos Nele. Isto é confiança plena e segurança eterna. A partir dessa verdade, nosso futuro pode ser resumido em uma palavra: Jesus.

Contemplar a verdade de Cristo com os olhos do coração é fundamental para viver para sua glória. É saber que, não importa quão árduos sejam os desafios dessa vida, nosso amanhã está garantido na restauração do Senhor por meio de seu Filho. Essa compreensão íntima nos guia ao entendimento da esperança da nossa vocação.

2. Esperança e vocação

O apóstolo continua sua oração: “para que saibam qual é a esperança da vocação de vocês”. Por mais que às vezes pareça, não vivemos para trabalhar e pagar contas.

Como igreja de Deus, vivemos na expectativa do cumprimento de todas as promessas que o Senhor fez e realizou em Cristo Jesus.

O maior erro da igreja é estar preocupada demais com as coisas desta terra, se esquecendo da esperança de sua vocação. Esta esperança não é uma possibilidade, mas a certeza de que Cristo virá para consumir tudo aquilo que prometeu e, então, habitar em meio ao seu povo.

Ao perder de vista tal realidade, ficamos fadados a promover um ativismo pobre e vazio. Bonito para os olhos de quem vê, mas vazio diante de Deus. Nossa vocação não é apenas fazer, mas ser e por isso fazer.



3. Herança do mundo vindouro

A herança do povo de Deus não será seus templos suntuosos, cargos proeminentes, projetos extraordinários ou qualquer coisa que este mundo valorize. O que o Senhor separou para os seus em Cristo é muito mais sublime: as riquezas da gloriosa herança dele nos santos.

O valor e galardão da igreja está no que Cristo realizou por nós. Como garantia, ele nos deu seu próprio Espírito, assegurando sua promessa. Saber disso faz com que deixemos de lutar por aquilo que é tolo e passageiro, para desfrutar do que é para sempre e já nos pertence em Cristo.

Perceba que, mais uma vez, não há ênfase no indivíduo, pois a herança é nos santos. É a família de Deus que desfruta de suas riquezas e herdará suas promessas.



Por isso também que o poder da ressurreição de Cristo não atua apenas em alguns da comunidade, mas em todos que estão no Senhor.

4. A suprema grandeza do poder de Deus

O poder que reverteu o problema de Gênesis 3, que destruiu o domínio do pecado e da morte, opera na igreja. A ressurreição de Cristo age em meio ao seu povo! Tudo o que a igreja promove e pratica no Senhor - missão, adoração e serviço - é sustentado pelo poder que venceu a sepultura.

Ainda que no presente experimentamos este poder parcialmente, ele há de se manifestar completamente em breve. Cristo já reina sobre toda autoridade nos céus e na terra. Ele já é o cabeça de todas as coisas. Não há poder algum, seja político, financeiro ou espiritual, que possa impedir o agir de Deus por meio de seu povo.

No entanto, seu governo excelso se dará plenamente no por vir e sua igreja estará com ele. Tudo por causa da grandeza de sua vitória sobre o pecado.

Inspirado por essa verdade, Kuyper escreveu:

“Não há um centímetro quadrado em todo o domínio de nossa existência sobre o qual Cristo, que é soberano de todos, não possa gritar: é meu.”

Preenchendo um mundo vazio

Paulo finaliza o primeiro capítulo de sua carta aos efésios dizendo: “Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou como cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância”.

Tudo aquilo que fazemos, mesmo as coisas mais pequenas, deve se basear na realidade de que Cristo enche todas as coisas e faz isso por meio de sua igreja. Foi da vontade de Deus fazer de seu povo o arauto de seu Reino. Logo, se o mundo está vazio é porque não estamos lhe preenchendo a partir de nossa vocação.

É a nova comunidade de Deus, a igreja, que preenche o mundo. Não é um indivíduo ou algumas pessoas selecionadas, somos nós. Em nós habita a plenitude de Cristo Jesus. Se deixamos de preencher tudo ao nosso redor é porque deixamos de compreender o propósito do Senhor.

Por isso, não podemos deixar de orar como o apóstolo orou. Precisamos dos olhos do coração abertos para enxergar a esperança da nossa vocação, tendo a certeza da riqueza da nossa herança em Cristo para experimentar a suprema grandeza de seu poder.

Assim seremos aquilo que o Senhor planejou: um povo, sua igreja.

Perguntas para reflexão

1. Você compreende que, mais do que orar, o como, o porquê e o pelo que oramos revela nosso conhecimento de Cristo? Podemos sempre achar que nossa vida de oração não está boa. Mais do que apenas orar, precisamos refletir pelo que oramos. Faça uma avaliação de suas últimas orações e decida orar pelo conhecimento de Cristo mais do que por qualquer outra coisa.
2. Você entende que é apenas por meio da iluminação dos olhos de nossos corações que vamos enxergar as realidades do evangelho? É Deus quem faz isso! Não o nosso esforço, intelectualidade e persuasão. Escolha hoje mergulhar na dependência da ação de Deus para conhecê-lo.

- 
3. Onde está nossa esperança e foco? Quando olhamos para as pessoas em geral, elas estão buscando bens, sucessos e recursos desta terra. Paulo nos guia ao conhecimento que deve nortear toda a nossa vida e esperança: as coisas eternas e o mundo que está por vir no retorno de Jesus.
 4. Será que percebemos a importância de sermos igreja? Somos a plenitude do Cristo, aquele que enche todas as coisas em tudo. Quando percebemos o vazio deste mundo, como nos sentimos? A igreja deveria preencher este vazio com o conhecimento do Cristo. Precisamos ser aqueles que encham o mundo vazio com o conhecimento de Jesus. Você está disposto a isso?

SALVAÇÃO PELA GRAÇA

Efésios 2: 1-10

Vocês estavam mortos. É com esta dura afirmação que Paulo inicia o capítulo 2 de sua carta aos efésios. Algumas traduções, na tentativa de atenuar o peso destas palavras, apresentam: “Vocês foram vivificados por Deus enquanto estavam mortos”. No entanto, nada pode mudar este fato: morte é a definição exata da nossa vida antes da graça de Deus.

A palavra que o apóstolo utiliza para se referir ao nosso estado antes de Cristo é a raiz dos termos “necrosado” e “necrotério” em português. Não há como suavizar. Putrefação, apodrecimento e decadência definem a vida debaixo do domínio da morte e do pecado. A sombra tenebrosa do sepulcro cobre todos nós desde Gênesis capítulo 3. O Senhor disse ao homem: no dia em que você pecar, neste dia também morrerá. E a palavra de Deus se cumpriu categoricamente.

O que é a morte se não separação? Enquanto a vida é relacionamento, companhia, sentimento e intimidade, a morte é rompimento, amortecimento e distância insuperável. O morto não vê, não sente e não se relaciona. Este é o estado do homem debaixo do pecado perante seu criador. Não somente a morte física condena a humanidade, como também a espiritual. É a total incapacidade de corresponder a Deus.

O mais alarmante sintoma de um mundo morto em suas transgressões e pecados é pensar estar vivo e livre, quando na verdade é escravo e condenado. A morte espiritual subjuga todos aqueles sob seu domínio através da forma de pensar mundana, das paixões da carne e dos poderes espirituais malignos. Essas três forças mantêm as pessoas em correntes, ludibriadas aguardando pelo dia do abate.

Assim também era a nossa vida antes da salvação de Jesus: éramos por natureza merecedores da ira. A ira de Deus se revela contra toda iniquidade (Rm 1.18). Mas o que é a ira de Deus? Ela não é uma ação impulsiva gerada por um sentimento de raiva, como ocorre conosco, mas sim o resultado claro da justiça de Deus que manifesta o seu caráter santo. A ira de Deus é uma resposta sóbria, não passional, contudo, avassaladora contra todo o mal. Imagine o peso da justa ira de Deus que pesava sobre nossas cabeças por conta de toda transgressão.

Tais afirmações podem ser inconvenientes e até agressivas para muitos, mas são apenas um diagnóstico dos fatos. Um bom médico, ao encontrar um tumor maligno em um paciente, não diz “você tem um probleminha besta. Relaxa, tudo vai dar certo!”.

Pelo contrário, o bom médico seria claro e contundente, pois precisa alertar acerca da seriedade da doença: “você tem câncer. Este é um problema sério e, se você não seguir o tratamento, irá morrer”. Alguém esperaria algo diferente de um doutor justo? Pois não deveríamos esperar algo diferente do Espírito da verdade.

Entretanto, o diagnóstico paulino não se encerra com a doença apenas, mas molda o terreno para falar sobre a cura. Este início do capítulo 2 de Efésios é tão intenso e dramático porque nos prepara para o clímax de uma boa notícia. E esta boa notícia brilha sobre a nossa escuridão através da breve afirmação: mas Deus...



Mas Deus...

Após as duras constatações acerca do nosso antigo estado de morte nos versos de 1 a 3, Paulo exalta a graça e a justiça de Deus ao dizer: “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida juntamente com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões - pela graça vocês são salvos” (Ef 2.4-5). É aqui onde tudo muda. “Mas Deus” são as duas palavras que trazem esperança não somente para todas as pessoas, mas também para todo o universo.

Éramos mentirosos, odiosos, incapazes de perdoar, vingativos, incrédulos, condenados e merecedores da justa ira, mas Deus nos amou! Que mistério maravilhoso, que doces palavras! Espanto, assombro e adoração são as únicas reações aceitáveis diante da boa notícia de Jesus de Nazaré. Deus nos deu vida com Cristo. Pela graça nós somos salvos.

Nós sabemos o que teria sido justo fazer conosco: nada além de eterna condenação. Mas Deus nos salvou, nos fez alvo de sua compaixão e, como se não bastasse, nos deu todas as bênçãos espirituais em Cristo Jesus e fez de nós um exemplo de sua bondade (Ef 2.6-7). Outra vez devemos dizer, pela graça somos salvos.

Justiça, misericórdia e graça são as três palavras que resumem nossa redenção. A ira justa é aquilo que merecíamos receber, mas foi derramada até a última gota sobre Jesus na cruz do calvário. Misericórdia foi nos poupar por não ter poupado o Cordeiro de Deus. Graça é termos recebido o que jamais, nem em mil vidas, teríamos o direito de receber. Favor imerecido é o lema que tange nossa salvação.

O presente da graça

Efésios 2.8-9 compõe parte dos versículos mais conhecidos de toda a Bíblia.

Este texto foi estudado durante a história do pensamento cristão por vários pensadores. Todos eles se debruçaram maravilhados sobre esta afirmação: a dádiva de Deus é gratuita, não tem nada a ver com aquilo que podemos fazer.

Tudo que envolve a nossa salvação é presente de Deus. Fé, adoção e redenção, tudo vem dele. É tudo por sua graça. Isto é muito claro diante de tudo que foi dito anteriormente, nós estávamos mortos. Um morto nada pode fazer por si. Morto não reage, não trabalha, não contribui. Tudo que um morto pode fazer é ouvir o som da poderosa voz que anuncia: volte a viver!

A glória da salvação é, portanto, totalmente de Cristo. Não temos mérito algum em nossa conversão. Não fomos salvos por boa conduta; por correspondermos de alguma forma aos mandamentos de Deus.

Muito pelo contrário, quebramos todos eles. Ainda assim, através da encarnação, morte e ressurreição de Jesus, fomos salvos. Ele fez tudo, nós apenas recebemos sua grandiosa obra de salvação.

Vivemos em um mundo meritocrático, logo é natural desconfiarmos que algo tão maravilhoso possa ser de graça. Mas, entenda, isso não significa, de forma alguma, que não custou nada. A graça de Deus revelada a nós foi conquistada por um preço altíssimo na cruz do calvário. O presente da salvação custou tudo para o filho de Deus, por isso não custa nada para nós.

Quem pode, então, receber este presente de Deus? A graça é para aqueles que reconhecem o quanto precisam dela. Para aqueles que reconhecem seu estado de morte e, sem nada a oferecer, recebem a vida.

É um presente para quem é pobre de espírito; para os quebrantados. A graça não é para pessoas sem boas. Afinal de contas, pessoas boas não existem (Rm 3.23).

A graça nos diz que não somos melhores do que ninguém. Todos nós somos indignos e todos nós, em Cristo, fomos igualmente agraciados. A igreja, e todos os que nela foram inseridos, é fruto da graça, não de esforços humanos. Ela é um testemunho da vitória de Deus sobre o pecado e a morte. É a proclamadora do triunfo de Deus sobre as forças do mundo, da carne e do diabo. É a vitrine da retumbante vitória de Cristo para a eternidade.

Ao olhar para a igreja, toda a criação pode ver que a graça e o amor prevalecem. Nos tornamos exemplos de que o favor de Deus não é em vão.

O poema de Deus

Por fim, o verso 10 afirma que nós, a igreja, somos a obra prima de Deus. A palavra utilizada por Paulo é a que originou o termo poema. Em outras palavras, somos o poema que Deus realizou em Cristo Jesus.

O que não podemos esquecer é que este poema continua a ser escrito em nós. De que forma? Através das boas obras que foram preparadas para nós praticarmos. Não fomos salvos pelas obras, mas para as obras. O resultado da graça na igreja são ações de graça que evidenciam o agir de Deus em seu povo.

Uma vez ressuscitados com Cristo, podemos corresponder à vontade de Deus e manifestá-la no mundo.

Diante do amor do Senhor e da capacitação do poder de sua ressurreição, demonstramos com nossas próprias vidas a grandeza de sua tremenda graça.

Perguntas para reflexão

1. Temos aprendido que a epístola aos Efésios trata de forma profunda a vida e expressão da comunidade dos santos. A ênfase não é o “eu”, é o “nós”. Como igreja que somos, quais obras podemos, nesse tempo, realizar para glória de Deus?
2. Como podemos ser a manifestação de Jesus para um mundo tão caído?
3. “deu-nos vida com Cristo” (Ef 2.5) – quais são as implicações que essa verdade pode causar em sua semana?

A NOVA HUMANIDADE DA PAZ.

Efésios 2: 11-22

Lembrar e relembrar são essenciais para a igreja de Cristo. Sabendo disso, Paulo utiliza o verbo “lembrar” duas vezes em Efésios 2.11-22. É sempre necessário trazer à memória aquilo que Deus fez em nós por meio de Jesus para nos edificar como sua amada igreja.

Algumas espetaculares realidades devem ser lembradas constantemente. A primeira delas é aquilo que dá sentido e propósito ao povo de Deus: o Senhor fez tudo em Cristo e nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais. Nada do que fazemos deve partir de um fundamento estranho a esse. Não é sobre o quão bom somos em ser igreja, mas sobre tudo que ele já realizou na obra perfeita de Jesus.



Outro lembrete que deve ser fixado em nossos corações é que precisamos ser antes de fazer. Efésios enfatiza esta verdade diversas vezes. Os indicativos do evangelho estão antes dos imperativos. Inverter esta ordem é pura desordem! É desfazer o precioso evangelho de Cristo.

Por último, mas não menos importante, o apóstolo destaca dois fatos que não podem ser esquecidos: vocês estavam mortos e as riquezas da misericórdia de Deus lhes deram vida juntamente com Cristo em sua ressurreição. Foi a maravilhosa graça de Deus que nos deu tudo o que precisamos e nos livrou daquilo que tanto merecíamos.

Veja, não estamos falando de um assunto novo. O final do capítulo 2 da carta aos efésios é a conclusão de um raciocínio que iniciou em Efésios 1.1. A mensagem é a mesma: o evangelho nos faz uma nova humanidade da paz.

Não fomos salvos do nada para nada. Pelo contrário, fomos salvos da morte para a vida e em nós o Senhor torna visível e palpável sua tremenda graça. Somos um testemunho do amor de Deus para toda a criação. A partir disso podemos compreender qual é o nosso objetivo como igreja, ou seja, aquilo que nos move como povo de Deus.



O shalom de Deus

A segunda metade do capítulo 2 de Efésios é o resultado lógico de tudo o que Paulo escreveu até aqui. É como se ele dissesse: "tudo o que vocês ouviram resulta nisso!". Para compreender a mensagem do autor, precisamos entender alguns pressupostos que estavam em sua mente e também na mente de seus primeiros leitores. Vejamos cada um deles:

1. A intenção de Deus na criação - o objetivo do Senhor ao criar o universo e tudo o que nele há se resume em duas palavras: habitação e presença. A intenção do Senhor sempre foi fazer de sua criação o lugar definitivo de sua habitação. No centro desta criação ele fez um jardim, onde poderia estar e se relacionar com seu povo. Este é o shalom de Deus, ou seja, a verdadeira paz na mais perfeita e plena harmonia.



2. Todos nós abandonamos o shalom de Deus em Gênesis 3 - o descanso de Deus em sua habitação implica paz. No entanto, com a rebelião do homem em seu pecado, houve o inverso da paz no jardim do Éden. O mandato de Adão e Eva era manter a paz e a ordem na criação do Senhor, mas as forças do caos que são o pecado provocaram bagunça e desgraça na vocação da humanidade. A separação de Deus após Gênesis 3 é tão evidente que o capítulo seguinte a este acontecimento é conflito e assassinato entre irmãos (Gn 4).
3. Templo é a palavra-chave para o propósito de Deus - ao invés de desistir de seu plano original, Deus trabalhou durante toda a história para fazer de sua criação um lugar para habitar.



O tabernáculo de Moisés e o templo de Salomão são tentativas de representar aquilo que havia no jardim do Éden, mas também apontavam para uma realidade porvir onde a paz de Deus reinaria soberana em toda criação. O templo no Novo Testamento não é nada menos que o povo de Deus redimido em Cristo Jesus.

A igreja é, portanto, o lugar da habitação de Deus e a promotora de seu shalom, sua perfeita paz. Logo, não fomos salvos para vivermos “bem com Deus”, mas isolados de todas as outras pessoas. Isso não é a paz de Deus, pois o resultado imediato do shalom de Deus em seu povo é a paz com o nosso



A vocação da nova humanidade da paz

Em Ef 2.15-16 Paulo demonstra que Jesus restaurou a vocação humana de promover a paz. Isso é claro naquilo que a igreja significa para o mundo: a junção de povos separados, os judeus e os gentios.

Os gentios, que são todos aqueles que não são nascidos judeus, eram chamados de incircuncisos por aqueles que eram da circuncisão. A circuncisão, que é a retirada do prepúcio do órgão masculino, era a principal marca da aliança de Deus com os filhos de Abraão. Os gentios serem incircuncisos significava que eles não tinham parte alguma com a aliança de Deus, logo, relação alguma com Ele.

Os judeus, por outro lado, possuem a circuncisão segundo a carne que é feita por mãos humanas.

Em outras palavras, Paulo está dizendo que o que ligava os judeus à aliança eram dogmas e religiosidade, mas não um coração marcado e transformado. Ambos os povos careciam de reconciliação com Deus.

Os povos que viviam separados da aliança de Deus e suas promessas estavam em escuridão, sem esperança. A vida que viviam debaixo da idolatria e da influência maligna das forças do caos os mantinham sob o domínio da morte, sem esperança alguma de salvação. Já os judeus, que eram o povo da promessa, não viveram a vocação do Senhor de promover a paz e ser luz para os povos, fracassando também em preparar um lugar para Deus habitar.

Por esse motivo, a imagem dos versos 13 e 14 de Efésios 2 é tão surpreendente: o muro de separação foi derrubado. Este muro, ao qual o apóstolo se refere, era o muro que ficava dentro do templo em Jerusalém.

Os gentios poderiam adorar ao Senhor em determinado lugar do pátio exterior do templo, mas não após o muro que delimitava até onde eles poderiam ir. Este muro que separava os gentios da presença de Deus foi completamente destruído em Cristo Jesus. Nele, judeus crentes no Senhor e gentios redimidos se tornam um único povo da paz.

Três verdades devem ser destacadas aqui acerca da igreja, a nova humanidade da paz em Cristo Jesus:

1. Fomos aproximados pelo sangue - o sacrifício de Cristo uniu em si mesmo gentios e judeus como um único povo, o seu povo. Este sangue é eficaz para promover definitiva salvação. Ele é a garantia certa de que a porta da reconciliação entre Deus e os homens foi aberta para todo aquele que Nele crer.

2. Não há mais separação - não há mais gentio ou judeu em relação à presença de Deus. Nenhum tipo de segregação é aceito diante do Senhor quando estamos em Cristo Jesus. Por isso também a igreja é composta de todo tipo de gente, sem restrição. Inimizade e separação não combinam com o evangelho, pois toda inimizade foi destruída na cruz do calvário.
3. A paz foi anunciada - os versos 17 e 18 revelam que a paz foi evangelizada por Cristo e que o acesso ao Pai é definido pelo Espírito Santo que agora habita em nós. A igreja, composta de todas as pessoas, possui acesso livre à presença de Deus. Nela se vê o shalom.



O povo da paz

Deus chamou a sua igreja para a paz e não para a violência. Este é o exemplo de Cristo: levar sobre si a violência, perder seus direitos, sofrer e ser prejudicado para promover a paz. É por isso que o Senhor chama os seus discípulos de pacificadores (Mt 5.9).

A igreja, como família de Deus, deve ser um lugar onde a ordem da paz é promovida. Isso não significa ausência de confronto em amor, arrependimento e promoção de mudança, pois todas estas coisas, em Cristo, são a ordem da paz. Discórdia, dissensão e intriga são palavras destoantes com a vocação primeira do povo de Deus. É negar diretamente o propósito para o qual fomos chamados.

O povo da paz é o edifício que Deus está construindo para habitar com sua criação. É seu templo e lugar de descanso.

Onde o Senhor habita, ali reina a mais perfeita paz. Esta paz é promovida em meio à igreja ainda através de sofrimento, como nos ensina o autor de hebreus:

“Portanto, saiamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou. Pois não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir.” – Hebreus 11.13-14

O texto nos mostra claramente que Cristo não veio fazer separação, ou mesmo uma bolha inacessível de amigos, mas dar sua vida fora da cidade. É como se Cristo falasse: saia do seu círculo de conforto e venha até mim promover a paz.

A cultura da igreja é a cultura do shalom. Isso significa amor, respeito, zelo, leveza e paz



O resultado de tudo o que Deus fez em Cristo e entregou à igreja foi eliminar a barreira que existia por causa dos efeitos de Gênesis 3 na humanidade. Daqueles que estavam separados de Deus e do próximo, ele fez em si um novo povo, a igreja. E sua função é de ser a sua família, seu santuário. Em Cristo, somos uma nova humanidade para a paz e lugar da sua presença neste mundo. A nova humanidade da paz.

Perguntas para reflexão

1. Que cultura estamos criando em nossos relacionamentos na igreja? Cultura de amizade, de paz e de shalom? Um lugar de harmonia, leveza e manutenção dos vínculos da paz? Como podemos criar e manter essa cultura em nosso meio?



2. Como reagimos quando somos ofendidos ou quando somos afetados por algum tipo de violência ou provocação? Agimos com base na realidade de que Jesus derrotou a inimizade por meio da cruz ou revidamos da mesma maneira com que fomos ofendidos?

3. Somos chamados à reconciliação e a expressar toda a realidade da paz neste mundo até a consumação do plano de Deus. Entendemos essa benção e responsabilidade? Como praticá-la?



O MISTÉRIO PELO QUAL VALE A PENA SOFRER

Efésios 3: 1-13

O final do capítulo 2 de Efésios é o ápice dos indicativos do evangelho na carta. Tudo o que foi dito até este momento culmina no fato de que a igreja é a nova humanidade recriada em torno de Jesus, chamada para refletir de forma visível a vida que o Criador sempre desejou ver no mundo.

Paulo começa uma transição dos indicativos para os imperativos no capítulo 3 de Efésios. Ele irá demonstrar de que maneira o evangelho deve afetar nossa maneira de viver na prática. Por isso, inevitavelmente o apóstolo apresenta como este evangelho afetou sua própria vida.

O apóstolo Paulo dá um exemplo próprio por um motivo simples: o evangelho não é uma filosofia ou uma mensagem meramente emocional, ele é a verdade que se encarnou na história; é o poder de Deus que afeta todas as áreas da nossa existência.

É impossível, para Paulo, falar do evangelho sem dizer o impacto que ele causou em sua vida.

Muito do que é escrito em Efésios 3 é uma recapitulação. Entretanto, com uma diferença, a descrição da revelação do mistério de Deus revelado em Jesus. Este foi o mistério que tanto afetou a vida de Paulo e o qual ele foi vocacionado a proclamar. E é este mistério revelado que muda tudo em nossas vidas também.

O mistério de Deus revelado em Jesus

O termo grego que traduzimos por “mistério” nada tem a ver com um conhecimento especial abstrato que somente algumas pessoas são capazes de acessar por meio de experiências subjetivas.



Não são as revelações dos mistérios da vida de alguém, como com quem ela irá se casar ou se deve ou não aceitar um emprego. O mistério de Cristo no Novo Testamento é algo muito mais objetivo e sublime, que aconteceu no tempo e no espaço.

O mistério de Deus em Cristo Jesus, ao qual Paulo se refere, é a revelação de que desde Gênesis, a autorrevelação de Deus e seus planos de salvação sempre apontaram para a restauração de todo universo criado. Este é um mistério pois, ainda que toda a expectativa do enredo bíblico fosse a restauração de céus e terra, ninguém sabia como isso se daria, até a vinda de Cristo Jesus.

Todo o enredo bíblico expressa a expectativa do desenvolvimento dos planos redentivos de Deus. Por causa do pecado e dos inúmeros fracassos do povo da aliança, ninguém sabia de que forma essa redenção se daria.



Em vista disso, o apóstolo é explícito em sua afirmação, dizendo que Cristo é o cumprimento definitivo dos planos de Deus.

Em Jesus, Deus finalmente escancarou seu plano de restauração. Nele, o Senhor manifestou sua obra perfeita de redenção derrotando a morte e o pecado para manifestar a vida em sua vitória. O Reino de Deus sobre todas as coisas e a preparação de um lugar para sua habitação entre seu povo se dá em Cristo Jesus, nosso Senhor.

O evento Cristo manifestou publicamente a vitória de Deus sobre as forças do caos de Gênesis 3. Dessa forma, alguém como Paulo, que outrora fora perseguidor da igreja, passou a conhecer o mistério revelado de Cristo e, a partir dessa revelação, se tornou um canal para revelá-la ao mundo.

Ao dizer que conheceu o mistério de Deus segundo revelação, Paulo está dizendo que conheceu o mistério de Deus quando olhou para Cristo. É por isso que em Efésios 3.4 ele chama esse mistério de mistério de Cristo. A revelação de Jesus a nós é o mais sublime conhecimento que pode ser revelado a alguém. Se conhecemos o mistério de Cristo, o que mais precisamos saber? Passado, presente e futuro, tudo se faz novo diante da maravilhosa revelação de Jesus Cristo.

O resultado da revelação do mistério de Deus

Após apresentar a grandeza do mistério revelado de Deus, Paulo passa a demonstrar qual é o resultado dessa revelação. A restauração de céus e terra através da obra perfeita de Cristo Jesus tem um glorioso resultado: a igreja. A nova humanidade, formada de pessoas restauradas de toda a terra, é fruto da revelação do mistério de Deus.

Nessa nova humanidade, que é a igreja, os gentios (as pessoas de toda a terra que não eram parte do povo da aliança) são coerdeiros e co-participantes das promessas de Deus ao seu povo. Todo propósito de Deus, mesmo antes de chamar Abraão e seus filhos para sua relação, era fazer um único povo da aliança, constituído de pessoas de todas as nações.

Deus fez tudo isso para que, através da igreja, sua multiforme sabedoria se tornasse conhecida dos principados e potestades nas regiões celestiais. Em outras palavras, a comunidade de Deus é a comprovação de tudo aquilo que Deus fez em Jesus para vencer a morte e salvar o mundo. Quando homens, anjos e demônios olham para nós, a igreja de Cristo, eles podem ver o resultado da ressurreição de Jesus dos mortos.



A igreja sempre foi o plano de Deus. Diante disso, podemos saber, sem dúvida, que o propósito de Deus ao salvar qualquer pessoa é fazer dela parte de sua igreja. Fazer parte do povo redimido de Deus é testemunhar da incomparável e insondável sabedoria de Deus ao mundo.

É por isso que para o apóstolo Paulo é impossível falar do evangelho sem dizer o quanto ele afetou sua vida. Pois foi por conta desse evangelho que Paulo se tornou um servo da igreja de Deus. Para ele, e este deveria ser o pensamento de todo cristão, não há plano de carreira mais glorioso do que ser um servo do povo de Deus. Não há nada mais glorioso do que zelar pela saúde e integridade da igreja de Cristo.

Ao falar de si mesmo, Paulo não exalta suas grandes obras, as igrejas que plantou, as viagens que fez, os sofrimentos que passou.

Pelo contrário, a única coisa que Paulo acha relevante dizer é que o evangelho fez dele um prisioneiro por amor à igreja, por causa do mistério de Cristo. Embora os sofrimentos do apóstolo, suas prisões e dificuldades, fossem um escândalo aos olhos de muitos, suas correntes atestavam a própria realidade do evangelho que subverte os poderes do caos.

A simples existência da igreja já é uma afronta aos poderosos deste mundo que pensam ter algum poder em suas mãos. O testemunho dos cristãos é o atestado de que os dias dos governos dessa era estão contados. Cristo já reina e virá reinar definitivamente sobre céus e terra. Não à toa se revoltam os poderosos contra a igreja de Deus, pois eles sabem que não possuem domínio sobre ela.



A revelação que nos leva a permanecer firmes

À luz de tudo isso, vemos que o evangelho nos leva a uma visão muito realista acerca deste mundo. A igreja sofrerá oposição sempre que estiver testemunhando do mistério revelado em Cristo. Se vivermos à altura do nosso chamado, seremos detestados pelos poderosos desta era. O senhorio de Cristo desmascara os falsos senhores.

Entretanto, Paulo nos dá um exemplo a ser seguido. Nenhuma perseguição o intimidou e também não deve nos intimidar. Pois, conhecer a revelação gloriosa do mistério de Deus é ter a certeza de que nada nem ninguém pode nos tirar das fortes mãos de Jesus Cristo, o Senhor do universo.

Compreender que o grande mistério de Deus revelado em Jesus sempre teve como propósito a igreja, nos leva a considerar motivo de honra participar dos sofrimentos de Cristo.

Devemos, assim, permanecer firmes no evangelho que mudou por completo as nossas vidas. Continuarmos promovendo a unidade em amor e, dessa maneira, testemunharmos ao mundo a gloriosa revelação da sabedoria de Deus em Cristo Jesus, para sempre.

Perguntas para reflexão

1. Como você reage à ideia de levar a mensagem de Jesus Cristo às pessoas, próximas a você, que precisam dela?
2. Como você vê a graça de Deus em sua vida diária e em sua vocação cristã?
3. Qual a sua atitude para com a igreja de Jesus Cristo, e de que forma precisaria mudá-la?

PELO QUE VALE A PENA ORAR?

Efésios 3:14-21

Há intencionalidade em cada palavra inspirada pelo Espírito Santo e redigida sob a pena de Paulo em Efésios. Nem uma única letra é desperdiçada; nem uma palavra é vazia de propósito. Em vista disso, é notável que um sexto da epístola de Efésios são as orações de Paulo.

O apóstolo já havia orado em Efésios 1.15-23, mas sente a necessidade de orar novamente em 3.14-21 antes de falar das consequências práticas do evangelho. Antes de tocar os imperativos da graça, é necessário orar. Oração é algo vital e urgente para Paulo, tão importante quanto o ensino doutrinário.

O conhecimento da doutrina é importante e imprescindível, mas deve ser regado de oração e adoração. Afinal, é justamente este conhecimento do evangelho que leva Paulo a se pôr de joelhos diante do Pai.

A doutrina leva Paulo à oração. Nesta oração de Paulo temos um modelo do porquê, por quem e pelo quê orar. Veremos cada um destes tópicos para que, no final, estejamos também de joelhos diante do Pai.

Por que orar?

Ajoelhar-se é uma postura que comunica completa rendição e submissão. O exemplo do apóstolo é claro, não é possível manter-se de pé diante da gloriosa revelação de Cristo. Diante de quem ele se ajoelha? Diante do Pai, “do qual recebe o nome toda família nos céus e na terra”.

Somos levados a orar pelo maravilhamento diante do evangelho de Cristo. É a gloriosa revelação do plano de Deus que nos põe de joelhos. Como vimos em Efésios 3.1-13, o plano do Senhor, através de Cristo, sempre foi separar para si sua igreja, uma família composta de pessoas de todas as partes.

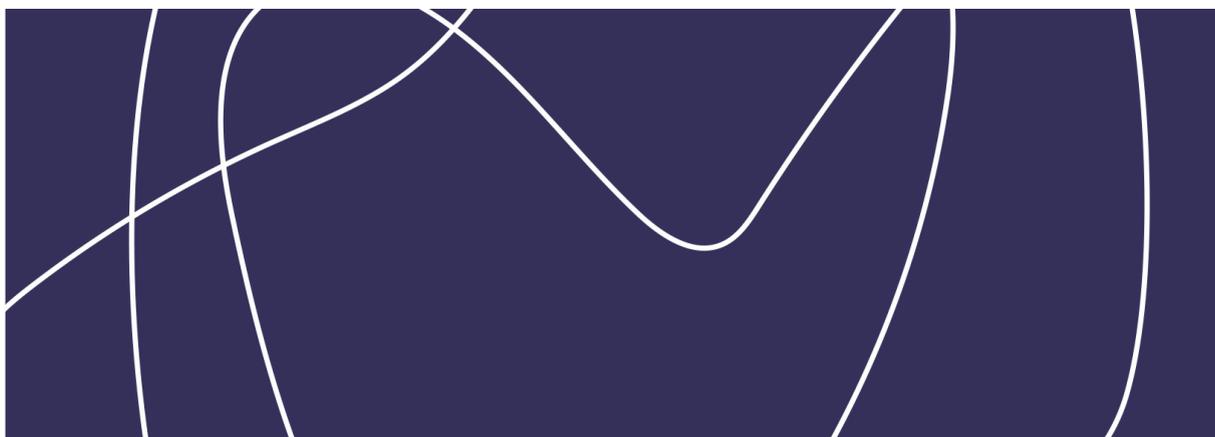
Por que orar? Por ter sido alvo da maravilhosa graça revelada em Cristo Jesus. Por que orar? Porque a única resposta cabível diante do evangelho é rendição em adoração. Por que orar? Por fazer parte da nova humanidade de Deus feita em Cristo, a igreja, a família de Deus.

Por quem orar?

Diante da grandeza do evangelho, Paulo se prostra em rendição e adoração para orar. Mas, orar por quem? Em favor dos gentios. Todo aquele que não é nascido judeu é gentio. O que Paulo quer dizer com isso? Toda a igreja é o alvo da oração de Paulo. Ele intercede pelos irmãos de várias congregações e, aqui nesta carta, pelos efésios. Sempre motivado pelo evangelho de Cristo, Paulo ora por todo o povo de Deus.

A igreja é sustentada e aperfeiçoada através da oração. Orar pelos irmãos, tanto os de perto como os de longe, é um exemplo dado a nós pelo apóstolo. Por conhecer a necessidade e o poder da oração, Paulo ora pelas igrejas. E, orando pelos efésios, ele nos mostra o motivo principal que deve guiar nossas orações.

Porém, antes de revelar o pelo quê ele está orando, Paulo prepara o terreno do coração de seus leitores ao escrever: “oro para que, com suas gloriosas riquezas...”. O motivo da oração de Paulo pela igreja é regado por uma linguagem de abundância. É através de suas gloriosas riquezas que o Senhor abençoa o seu povo.



O Senhor Deus todo poderoso, criador e Senhor de todo o universo, sustentador de todas as coisas, nos abençoa conforme as suas riquezas. Isto é graça extraordinária e sem medida. Se Deus responde nossas orações pela igreja dessa maneira, podemos ter a certeza de uma resposta poderosa. Diante dessa verdade, podemos compreender o pelo quê orar.

Pelo quê orar?

A oração motivada pelo evangelho e em favor da igreja, que é respondida conforme as gloriosas riquezas de Deus, é uma oração que tem como alvo o fortalecimento do Espírito Santo. Em Efésios 3.16-19, lemos:



“Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite em seus corações mediante a fé; e oro para que vocês, arraigados e alicerçados em amor, possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus.”

O Espírito Santo, o mesmo Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos, é aquele que nos fortalece no íntimo com poder. Devemos orar pelo Espírito Santo porque apenas através dele somos capazes de compreender o tamanho do amor de Deus que está sobre a igreja. É o Espírito quem nos transforma no íntimo, de dentro para fora, em nosso caráter. Sua presença gloriosa guia nossas orações e nos revela o propósito de Deus em fazer Cristo habitar em nossos corações pela fé.

Crescendo em amor através da oração.

Perceba que o apóstolo não ora para que os crentes sejam alicerçados no amor, mas declara que eles já estão alicerçados no amor. O amor é a base e o fundamento da igreja. O pedido é para que a igreja perceba a altura, largura e profundidade deste amor no qual ela já está posta.

Como dito no capítulo 1.22, a igreja é a mediadora de toda plenitude de Deus. Esta igreja, que está enraizada em amor, é o lugar no qual as gloriosas riquezas de Cristo são conhecidas. Isso se manifesta na igreja local, na congregação do povo de Deus.

Daí a importância de fazer parte da igreja de Cristo. Afinal, a compreensão do amor de Deus se dá juntamente com todos os santos. Somente no convívio com os irmãos que passamos a compreender o amor de Deus que é derramado na comunidade como resposta de nossas orações.

Como se essa realidade do evangelho revelado à igreja e do amor de Deus compartilhado não fosse suficiente, no final da oração de Paulo ainda há uma expectativa maior. Quando oramos juntos, no poder do Espírito Santo, como família de Deus, podemos esperar que seremos cheios de toda a plenitude de Deus!

Toda plenitude de Deus em nós é o que se busca em oração pela igreja. Este é o nosso alvo e propósito como igreja. Se não estamos percebendo toda plenitude de Deus em nós, precisamos orar mais e mais por isso, pois essa é a vontade do Senhor para sua igreja. Precisamos fazer dessa realidade a nossa constante e perseverante oração comunitária.



Perguntas para reflexão

1. Como está sua vida de oração íntima e comunitária?
2. O que tem motivado as suas orações?
3. Você tem orado pelos irmãos da sua igreja e de outras?

Você tem como principal motivo de oração o enchimento do Espírito Santo em sua vida e na igreja de Deus?

UNIDADE: O CHAMADO DE CRISTO PARA A IGREJA

Efésios 4: 1-16

Pense na seguinte pergunta: o que é uma igreja de sucesso? Este é um questionamento que deve ser feito recorrentemente por nós. Isso por um motivo simples, a resposta para essa pergunta definirá nossas prioridades como comunidade.

Veja, se crescimento numérico é o que define o padrão de sucesso para uma igreja, tudo o que essa igreja fará será para atrair pessoas, a todo custo, e as entreter para que permaneçam. Se sucesso é visibilidade e fama, por que não recorrer à autopromoção? Se engajamento público é o resultado a ser alcançado, por que não adotar uma cultura de ativismo?

É a crença do que define sucesso que guiará toda a prática de uma igreja. Precisamos, portanto, reavaliar constantemente se nosso sistema de crenças está alinhado com os valores dos indicativos do evangelho de Cristo

Se de fato queremos agradar a Deus e fazer sua vontade, de nada nos adiantará alcançar todo o “sucesso” deste mundo.

No sermão do monte, o Senhor Jesus nos deixou um aterrador exemplo do perigo de ter um critério de sucesso diferente do seu:

"Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.

Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres? '

Então eu lhes direi claramente: 'Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal! ' " - Mateus 7:21-23



A partir da segunda metade de Efésios, capítulos de 4-6, que chamamos de imperativos do evangelho, Paulo passa a demonstrar o que na prática é o padrão de sucesso de Deus para sua igreja. Estes capítulos são o resultado direto e real do evangelho na vida de todos os que o recebem. A partir deles poderemos recalibrar nossas crenças e expectativas com a vontade do Senhor.

O resultado dos indicativos do evangelho

Efésios 4.1-16 demonstra o resultado inegociável da realidade do que foi dito nos capítulos de 1-3. É como se Paulo estivesse dizendo:

- Já que em Cristo Deus nos predestinou para adoção;
- Já que em Cristo Deus fez convergir todas as coisas nos céus e na terra debaixo da autoridade de Cristo;
- Já que em Cristo Deus nos selou com a garantia do seu Espírito;
- Já que em Cristo Deus nos vivificou quando estávamos mortos em nossas transgressões;
- Já que em Cristo Deus inaugurou uma nova humanidade para uma nova vida;
- Já que em Cristo Deus derrubou o muro de inimizade que nos separava dele e da humanidade...



Tudo isso significa que existe agora uma nova e correta maneira de se viver. Há um chamado que nós recebemos no evangelho. Uma vocação a ser cumprida que corresponde a tudo o que Deus já fez em nós através de Cristo.

A nossa nova vocação

Ao falar dos imperativos do evangelho, a primeira coisa que Paulo deseja enfatizar é que a vida cristã é uma vocação. A vida cristã é um chamado para viver de uma maneira específica:

“Por isso eu, o prisioneiro no Senhor, peço que vocês vivam de maneira digna da vocação a que foram chamados” – Efésios 4:1

Observe a redundância aqui, ela é proposital. Paulo está repetindo a afirmação para deixar claro que a vida cristã é uma vocação, um chamado. Não há cristão que não seja chamado. Todos temos a responsabilidade de viver de maneira coerente com esta realidade. Não é uma vocação opcional, todo crente é chamado para viver à luz dos indicativos do evangelho.

Em Cristo recebemos a incumbência de ser uma amostra do que Deus realizou na obra perfeita do evangelho.

Como colocar a nossa vocação em prática

De que forma devemos viver para testemunhar a obra perfeita de Cristo? A resposta é simples e se resume a uma palavra-chave: unidade. Somente nos versos de Efésios 4.3-6 o termo aparece 8 vezes em suas variantes:

“fazendo tudo para preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz.

Há somente um corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança para a qual vocês foram chamados.

Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.

E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo.

Por isso diz: "Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativoiro e concedeu dons aos homens." – Efésios 4:3-8

Diante desta ênfase de Paulo na unidade, se faz necessário compreendermos no que se baseia essa unidade.



Primeiramente, unidade não é concordar em tudo nas questões secundárias, fazendo delas motivo de vida ou morte. Também não é um sentimentalismo que ignora o que é importante em prol de manter uma suposta unidade. Com certeza a unidade da igreja não é produzida por esforço humano. Não se baseia no carisma de um líder ou na capacidade de uma comunidade engajar pessoas.

A unidade a qual Efésios nos ensina a manter e promover é a unidade em torno dos indicativos do evangelho. A união em volta de tudo o que foi descrito nos capítulos de 1 a 3 é o que une a igreja de Cristo. Esta unidade é fruto do reconhecimento de tudo que Deus fez em Cristo Jesus, nosso senhor.

A verdadeira unidade da igreja está em volta daquilo que Jesus fez e, em consequência disso, só pode existir por conta do que ele realizou no evangelho.



Cristo é o único que pode produzir unidade. Nosso esforço não é para gerar unidade, mas preservá-la. A unidade da igreja depende da unidade com o Senhor da igreja.

Só podemos expressar a realidade da unidade na igreja quando mantemos nossos olhos fixos no Senhor que nos faz um. A comunidade de fé cresce em unidade quando busca crescer e se desenvolver na verdade de Cristo. Não há unidade sem conhecimento do verdadeiro evangelho.

Unidade através da humildade

Por se basear em tudo aquilo que Cristo realizou, nossa unidade tem tudo a ver com a qualidade das nossas relações em volta dos indicativos do evangelho. Desta forma, a vocação do evangelho é vivida com toda humildade e mansidão (Ef 4.2). Na humildade começa toda vocação cristã, afinal, tudo o que Cristo realizou em nós foi quando estávamos mortos em nossas transgressões e pecados. Não há espaço para vanglória na igreja de Cristo. Todos nós temos apenas um Senhor.

Intimamente ligada à unidade está a humildade que gera paciência, serviço e amor uns aos outros. Essa percepção da graça de Deus derramada em nossas vidas nos impede de olharmos com soberba para os outros que também são alvos dessa mesma graça.



“É diante desta perspectiva que devemos entender os versos seguintes, onde Paulo passa a apresentar o que comumente entendemos como “dons” ou os “5 ministérios”:

Por isso é que foi dito: "Quando ele subiu em triunfo às alturas, levou cativo muitos prisioneiros, e deu dons aos homens". (Que significa "ele subiu", senão que também descera às profundezas da terra?

Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de encher todas as coisas.)

E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres," - Efésios 4:8-11

Para muitos, dom é uma capacidade especial que Deus deu para uns e não para outros. Não à toa muita gente constrói toda sua identidade em ser um “profeta”, “evangelista” ou “mestre”. Paulo não deseja estabelecer aqui um ranking de dons espirituais ou categorizar o que deve ou não haver em uma igreja. Seu objetivo, na verdade, é demonstrar que cada um dos membros da igreja tem participação importante na vocação dada por Deus.

Os dons descritos nessa passagem não são superpoderes concedidos a pessoas específicas, mas a graça de Deus que se faz presente e visível na vida de toda a comunidade. A graça é o que faz de todos os membros participantes na preservação da unidade do Espírito. Cada um de nós recebeu de Deus expressões particulares da graça. Da medida insondável da dádiva de Cristo, cada um recebe a mesma graça, ainda que ela se manifeste de formas diferentes.

A imagem que podemos ter em mente é a de um oceano, que é a graça de Cristo. Deste oceano, ele dá um “balde de água” para cada um. A medida que recebemos é a graça insondável de Cristo, ainda que as expressões dessa graça sejam diferentes. A ênfase não é a diferença, mas o fato de que todos recebemos dessa mesma graça.

Cristo deu dons aos homens

No verso 8, Paulo explica o que possibilitou o recebimento dessa graça. Ele cita o Salmo 68.19. Este salmo fala da vitória de Deus sobre seus inimigos, que representam as forças do caos no mundo. No verso 19, o salmista utiliza a imagem de Deus subindo às alturas para ser entronizado perante seus adversários. Como consequência dessa vitória, ele recebe os despojos de seus inimigos.



Ao citar essa passagem, Paulo muda o verbo descrito no salmo. Em vez de dizer que Deus recebeu espólios, ele diz que o Senhor deu dádivas aos homens. Ao fazer isso, o apóstolo está seguindo uma tradição de parafrasear o salmo 68 no seguinte sentido: quando Deus foi entronizado, ele recebeu os espólios de seus inimigos para, em seguida, distribuir as dádivas ao seu povo.

Na ressurreição de Cristo se deu o cumprimento definitivo do Salmo 68.19. Quando Jesus venceu a morte e o pecado, tudo passou a ser dele. Tudo nos céus e na terra pertencem ao Senhor e ao seu Cristo. E qual o resultado disso? Não é que Cristo fique com os espólios para ele, mas que ele distribua todas as dádivas recebidas para sua igreja.

As dádivas que Cristo concede ao seu povo não são meras capacidades, são presentes representados na diversidade de pessoas que contribuem para a edificação da igreja. Veja, no verso 11 ele diz que ele mesmo concedeu... pessoas!

Os apóstolos e profetas já foram mencionados em Efésios 2.20 e 3.6. Nesses capítulos, os apóstolos e profetas são o Antigo Testamento e os doze Apóstolos de Cristo. Ou seja, Paulo tem em mente a história da salvação aqui, e não poderes especiais para determinadas pessoas da igreja.

Esses dons são usados por Paulo para ilustrar a ideia de que os presentes que Deus derrama sobre seu povo se fazem presentes na vida da igreja. Tudo o que precisamos para cumprir a vocação de Deus foi-nos dado por Cristo Jesus! Apóstolos, profetas, evangelistas, pastores-mestres; tudo isso para preservar a unidade da fé.

O resultado da vocação da unidade

O resultado das dádivas de Deus dadas à igreja em Cristo Jesus é apresentado no verso 12 e 13:

“com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo.” – Efésios 4:12,13

O objetivo dos dons presentes na igreja, que são manifestações da mesma graça, é que todos se tornem como Jesus. Portanto, o assunto sobre dons em nosso meio não deve ser “qual dom você tem”, mas “toda sua vida é uma dádiva de Deus para a igreja?”.

Todos os santos são o alvo da edificação da unidade. Ninguém está de fora dessa vocação de se tornar como Jesus. Em Cristo, toda nossa vida é um presente de Deus para a igreja do Senhor. Nos versos seguintes, Paulo irá apresentar a imagem de um bebê recém-nascido para ilustrar nosso crescimento como igreja.

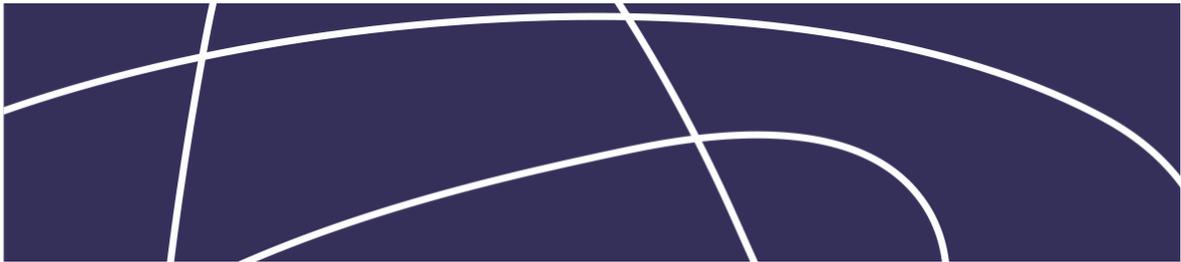
Uma criança que saiu há pouco do ventre materno não está completamente formada. Ela precisa passar por todo o processo de amadurecimento, nutrição e crescimento até se tornar um adulto completo. Um bebê saudável é aquele que cresce de maneira natural juntamente com todos os seus membros. Nenhum membro deve se destacar no crescimento, todos crescem juntos.

Assim é a igreja de Cristo. Todos juntos crescem entorno dos indicativos do evangelho, se desenvolvendo até chegar à estatura de Cristo.

Este é o objetivo das dádivas de Deus para nossa vocação: que todos crescamos juntos até o momento de sermos completamente como Jesus.

Diante de tudo o que foi dito, qual é o padrão de uma igreja bem-sucedida? Para Paulo é um só: uma igreja que entendeu e assimilou o evangelho e, por isso, se torna cada vez mais parecida com Jesus. Uma igreja que cultiva uma cultura de humildade, justiça e amor gera unidade em volta de Cristo. Isso sim é uma igreja de sucesso diante de Deus.

Devemos pensar menos sobre nós mesmos e mais sobre o outro. Nos esforçarmos para preservar a unidade da fé, edificando os irmãos no crescimento, nos fará mais parecidos com Jesus. Nos tornarmos uma comunidade que suporta uns aos outros e que, em perfeita unidade, está em desenvolvimento para atingir a estatura de Cristo. Uma igreja que foi salva para ser cada vez mais parecida com Jesus.



Perguntas para reflexão

1. Como você tem contribuído para a unidade da sua igreja?
2. De que forma sua vida pode ser uma bênção para a sua igreja?
3. Quais suas expectativas em relação à sua igreja no que se refere a unidade?
4. Peça ao Senhor para que você seja um promotor(a) de unidade na sua igreja.



NOVA VIDA, NOVA MENTE

Efésios 4:17 -24 e Efésios 5: 1-2



Conforme vimos no último capítulo, Efésios 4 dá início aos imperativos do evangelho na carta. Após toda a exposição do evangelho, o que temos chamado de indicativos, Paulo passa a demonstrar qual é o resultado prático de tudo o que foi dito na vida da igreja. Duas palavras podem resumir esse resultado: santidade e unidade.

A santidade expressa nossa nova forma de viver transformada pelo poder do Espírito Santo, enquanto unidade é o que resulta disso. E qual é o fim da santidade e da unidade na igreja? O apóstolo nos diz:

“até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo.” – Efésios 4:13



O alvo da nossa salvação não é apenas nos libertar da condenação, mas nos tornar como Jesus. Nossa meta como igreja não é outra senão ser como Cristo é. Para que isso aconteça, uma palavra-chave precisa ser compreendida e vivida por cada um de nós. Ela define se de fato haverá santidade e unidade, pois sem ela, essas duas coisas são impossíveis. Esta palavra é: arrependimento.



Arrependimento: mudando a forma de se pensar e viver

Ao lermos Efésios 4.17-24, alguns termos saltam aos nossos olhos. Eles são essenciais para compreendermos o que verdadeiramente significa arrependimento. São eles:

- Verso 17 - vivem na futilidade dos seus pensamentos;
- Verso 18 - Eles estão obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância;
- Verso 20 - não foi assim que vocês aprenderam de Cristo;
- Verso 21 - vocês ouviram falar dele, e nele foram ensinados;
- Verso 22 - vocês foram ensinados a despir-se do velho homem;
- Verso 23 - ensinados e renovados no modo de pensar;
- Verso 24 - justiça e santidade provenientes da verdade;

Pensamento, entendimento, ignorância e aprendizado, o que todas essas palavras têm em comum? Elas expressam o que é o verdadeiro arrependimento. Arrependimento vem da palavra grega metanoia, que quer dizer mudança de mente. Não estamos falando de um simples sentimento de culpa, mas de uma mudança radical na forma de pensar que leva à transformação da forma de agir. Isso é arrependimento segundo a palavra de Deus.

Você é aquilo que você pensa

Somos aquilo que pensamos. Não à toa, o “deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos” (2 Co 4.4). O diabo obscurece a mente das pessoas para que não vejam a beleza do evangelho, pois ele sabe que com a renovação da mente, se dá uma nova vida em Cristo Jesus.

Foi assim desde o início. No Éden, através de sua palavra, Deus estabeleceu a cultura que deveria ser seguida pelo homem, pela mulher e por seus filhos. Foi justamente esta forma de pensar e agir ordenada pelo Senhor que a serpente atacou quando influenciou Adão e Eva ao pecado. Assim ele segue fazendo ainda hoje, buscando corromper a verdade revelada na palavra de Deus.

Esta batalha pela mente humana não ocorre apenas na vida daqueles que estão separados de Deus pela incredulidade, mas também, e principalmente, na vida de quem teve a mente renovada por Cristo. Existem duas influências em conflito na vida de todo cristão. Sabendo disso, Paulo é enfático ao dizer que não devemos dar lugar ao diabo e de forma alguma entristecer o Espírito Santo.

Dois pensamentos em conflito

Intrigas, fofocas, imoralidades, roubos e conflitos são as marcas de uma mente deturpada pela forma de pensar do mundo. Quando essas coisas, que são inversas ao amor, estão presentes em nosso meio, mostramos que estamos longe de agradar ao Espírito de Deus. A presença dessas coisas na igreja é a evidência de que o diabo achou lugar para atuar. É a discórdia e o egoísmo que entristecem o Espírito. Como, então, ter a mente alinhada ao Espírito Santo?

O instrumento utilizado por Deus para que a nossa mente seja como a de Cristo não é outro senão a Palavra de Deus. A doutrina, que são as verdades reveladas em toda a Bíblia, deve moldar nossa forma de pensar e agir em relação ao Senhor e uns com os outros. A sã doutrina gera ações saudáveis. Mais uma vez, temos os indicativos antes dos imperativos do evangelho.



Na tentação de Cristo no deserto, Satanás tentou desviar Cristo de seu propósito buscando mudar sua forma de pensar. A proposta do diabo para Jesus era para que ele deixasse de depender exclusivamente do Pai e fizesse aquilo que julgava necessário para viver. É a mente do Mestre que o inimigo queria atingir. No entanto, o Senhor combate a tentação e o tentador com uma única e eficaz arma: a palavra de Deus (Mt 4.1-11).

Uma mente renovada nos faz pessoas renovadas. É a palavra que sai da boca de Deus que nos torna cada vez mais parecidos com ele. Apenas através do poder extraordinário do Espírito Santo, que renova nossa mente através do evangelho, é que poderemos ser um povo unido e santo à semelhança de Jesus no pensar e no agir.



O alvo de tudo o que fazemos como igreja é, fundamentados na doutrina do evangelho, promover a unidade e a santidade geradas pelo arrependimento na vida dos nossos irmãos. A consequência dessa edificação mútua é sermos mais parecidos com Cristo ao ponto do mundo glorificar a Deus por nosso testemunho: um só povo com uma nova mente e uma nova vida (Mt 5.16).

Perguntas para reflexão

1. O diabo tenta nos desviar da palavra de Deus nos levando a pensar de maneira contrária ao que o Senhor pensa. As coisas que você consome te fazem desejar mais ou menos a Cristo?

2. Satanás tentou Jesus no deserto ao tentar levá-lo a colocar sua necessidade acima da palavra de Deus. Nosso inimigo age na fragilidade. Você tem colocado coisas periféricas no centro de sua vida ou tem confiado naquilo que Deus diz em sua palavra?

3. O que enche seus pensamentos desemboca em suas ações. Suas ações diárias têm demonstrado o amor gerado pelo Espírito ou o egoísmo característico da velha forma de viver?

ENCHEI-VOS DO ESPÍRITO

Efésios 5:3-20

Se Jesus Cristo ressuscitou dos mortos, então há uma nova forma de viver. Essa frase poderia ser um resumo que define os imperativos do evangelho em Efésios. Se o centro da nossa vocação como igreja é imitar a Deus em amor, todas as nossas relações, tanto em comunidade como na sociedade, serão afetadas. Como já foi dito, nossa nova vida é um testemunho da restauração de Deus no mundo através de Cristo.

Paulo dá continuidade à demonstração do resultado prático que a doutrina deve causar na vida da igreja em Efésios 5.3–20. No entanto, ele faz isso agora de maneira mais enfática, dizendo o que não representa uma vida transformada pelo evangelho.



O apóstolo nos dá uma lista de três áreas distintas nas quais devemos nos santificar. São essas três questões que, quando praticadas, destroem a unidade do amor e manifestam o inverso daquilo que é imitar a Cristo. São elas:

1. Imoralidade sexual;
2. Avareza;
3. Linguagem grosseira.

Imoralidade sexual

A imoralidade sexual ofende diretamente a dignidade humana. É uma clara demonstração da destruição e do egoísmo causado pelo pecado a partir de Gênesis 3. A imoralidade é a antítese do amor sacrificial; é desfigurar a imagem de Deus no outro.

Todo o tipo de pornografia e depravação sexual é um desprezo ao sacrifício de Jesus, pois é um abuso contra as pessoas pelas quais Cristo deu a sua vida na cruz. Somos chamados ao amor e a valorizar o que Deus valoriza. Devemos jogar fora o que não está em conformidade com o evangelho de Cristo. Pureza, santidade e amor são as palavras que devem tanger nossa sexualidade.

Avareza

O apóstolo Paulo coloca a avareza no mesmo lugar da imoralidade sexual. Ele mesmo escreveu em outro lugar que “o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1 Tm 6.10). Tão destrutivo quanto o pecado sexual é o agir de alguém apegado aos bens deste mundo.



Tendemos a exaltar a gravidade de alguns pecados e diminuir a de outros. Raramente será possível ver alguém sendo repreendido ou afastado de seus exercícios ministeriais por amar o dinheiro. Por outro lado, pessoas com vícios e disfunções sexuais são duramente combatidas e diversas vezes execradas nas igrejas. Deus não faz essa acepção e nós também não deveríamos fazer.

O pecado da avareza é inverso à generosidade de Cristo. Entesourar riquezas às custas das necessidades dos irmãos é o contrário do que Deus fez ao derramar as riquezas de sua graça sobre nós (Ef 1.7-8). Se já recebemos todas as bênçãos em Cristo Jesus, devemos ser igualmente generosos com nossos irmãos.





Linguagem grosseira

Paulo combate a fala grosseira, indecente, inútil e que fere o amor em meio à unidade da igreja. Ele sabe que podemos causar mais estrago com nossas línguas do que com muitas armas. Sabendo disso, Tiago escreveu:

“Assim também a língua é um pequeno membro, e gloria-se de grandes coisas. Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia.

A língua também é um fogo; como mundo de iniquidade, a língua está posta entre os nossos membros, e contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, e é inflamada pelo inferno.” – Tiago 3:5-6

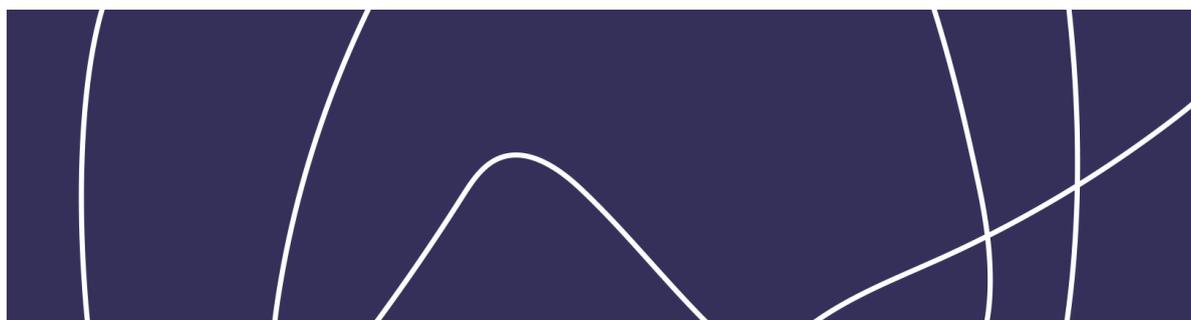
Nossos pensamentos e relacionamentos são moldados por aquilo que falamos. Uma linguagem grosseira demonstra um coração corrompido e cheio de pecado; não reflete a nova forma de viver que nos foi dada em Cristo Jesus. Por conta disso, nossas conversas devem ser temperadas com sal e abençoadoras (Cl 4.6). Afinal, é desta maneira que o Espírito revelou a nós a Palavra de Deus.

Vocês são luz!

Imoralidade, avareza e linguagem grosseira são características de um mundo morto em suas transgressões e pecados (Ef 2.1). Essa é a vida de quem ainda está em escuridão, cego para o brilho da glória de Deus em Cristo Jesus. Aqueles que estão em Cristo foram chamados para uma nova forma de viver; chamados para serem luz em meio às trevas.

Observe que Paulo não diz que temos a luz, mas que somos a própria luz. Ou seja, a maneira correta de vivermos a vida nos indicativos do evangelho não apenas nos torna imitadores de Deus, mas também serve para expor as obras infrutíferas das trevas (Ef 5.9-14). É por isso que não somos chamados apenas para não fazer o que fazíamos no passado, mas para fazer aquilo que ilumina o mundo.

Desde o princípio o Senhor faz separação entre luz e trevas (Gn 1.1). Então, de que forma devemos viver para brilhar a glória de Cristo em nossa nova vida? O apóstolo nos diz: vivendo de maneira sábia, aproveitando ao máximo todas as oportunidades para resplandecer neste mundo caótico.





Para Paulo, já perdemos muito tempo vivendo na ignorância de uma vida sem Cristo. Dedicamos anos das nossas vidas ao egoísmo e à decadência. Não temos mais tempo a perder. Precisamos utilizar toda oportunidade para glorificar a Deus com nossa vida. Como poderemos viver desta forma? A resposta é simples: se enchendo do Espírito!



Enchei-vos do Espírito!

Se no capítulo anterior a ordem era negativa “Não entristeçais o Espírito Santo” (Ef 4.30), agora ela é positiva: “deixem-se encher do Espírito” (Ef 5.18). Somos tendenciosos a pensar neste mandamento como algo a ser conquistado individualmente, mas veja, a ordem está no plural. Somos nós, como igreja, que nos enchemos do Espírito. Fazemos isso ao viver em unidade, nos reunindo no amor para proclamar as grandezas daquele que nos salvou. As características de uma comunidade cheia do Espírito são:

1. Linguagem edificante: “Falando entre vós com salmos, hinos e cânticos espirituais” - Nossa maneira de falar deve ser para o louvor da glória de Deus em tudo;

2. Gratidão abundante: “Dando graças a Deus em tudo” - Somos fruto da graça de Deus que nos vivificou, por isso podemos ser gratos em toda e qualquer situação ou circunstância;
3. Sujeição mútua no Senhor: “Sujeitando-vos uns aos outros no temor do Senhor” - Estamos todos sujeitos ao senhorio de Cristo pelo seu bendito evangelho. Diante disso, podemos nos sujeitar uns aos outros em amor.

São essas obras, inundadas do poder do Espírito Santo, que nos possibilitam brilhar fortemente como igreja em um mundo caído.





Sermos cheios do Espírito é vivermos a nova vida que Cristo nos deu quando nos inseriu na nova sociedade da paz. Dessa forma, cada um de nós pode amar e dignificar ao próximo como imagem e semelhança de Deus, praticar a generosidade abundante que aprendemos de Cristo e edificar uns aos outros com palavras cheias do poder magnífico do Espírito Santo.

Sejamos uma igreja cheia do Espírito!



Perguntas para reflexão

1. Como vencer a pornografia em nossos dias? É possível se manter puro em nossa sexualidade? Como?
2. Será que somos avarentos e idólatras? Avalie-se! O dinheiro domina nossas decisões? Ele é nosso servo ou nosso senhor?
3. Nas últimas 24 horas, as palavras que saíram de nossa boca estavam alinhadas aos indicativos do Evangelho? Elas imitam a Deus e promovem o amor?
4. Temos priorizado nos reunirmos como igreja no dia do Senhor? Em nossas reuniões, buscamos o enchimento do Espírito agindo por meio de novos hábitos e sujeitando-nos uns aos outros?

NÃO COMO TOLOS

Efésios 5:15-20



Não vivam como tolos, mas como sábios. Essa frase é apenas um exemplo de algo muito presente na Bíblia, que é a apresentação de realidades opostas. Vários conceitos antagônicos são demonstrados na Escritura, como luz e trevas, ignorância e conhecimento ou obras infrutíferas e boas obras. A Bíblia não fala apenas de conceitos contrastantes, mas também de pessoas contrastantes:

- Filhos do diabo e filhos de Deus;
- Os que espalham e os que ajuntam;
- Os que dividem e os que unem;
- Os que odeiam e os que amam;
- Os mortos e os vivos;
- Os tolos e os sábios.

Essas realidades opostas existem para apontar para o grande abismo que há entre uma vida debaixo do domínio do pecado e a nova vida em Cristo Jesus. Como temos aprendido em Efésios, o Senhor fez de nós, sua igreja, a nova humanidade da paz. Isso significa que, por causa do evangelho, há uma nova e correta maneira de viver.

Os indicativos e imperativos do Evangelho na carta de Paulo aos efésios nos dizem que, em Jesus, passamos das trevas para a luz; da morte para a vida. Fomos chamados para as boas obras que o Senhor preparou para nós. Portanto, não apenas podemos, mas devemos alinhar nossas ações à vontade de Deus. Isto é, viver como sábios, não como tolos.

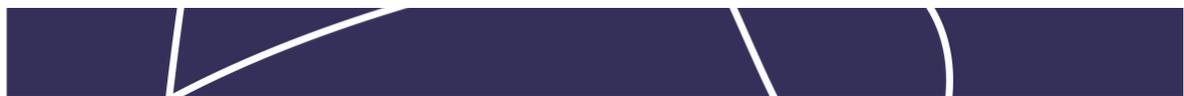


A verdadeira sabedoria

Em Efésios 5.15-17, Paulo nos diz:

“Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus. Portanto, não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor.”

O texto original dessa passagem traz uma ideia de precisão e intencionalidade no exame da própria forma de viver. Esse autoexame preciso e intencional está intrinsecamente ligado ao que a Bíblia chama de verdadeira sabedoria. Na Escritura, o sábio não é apenas aquele que tem conhecimento, mas aquele que pratica o bem de acordo com a vontade de Deus.



Se no verso 15 o apóstolo chama de tolo aquele que vive sem compromisso com a vontade de Deus, no verso 17 ele chama de insensato. A intensidade das palavras é agravada para demonstrar a loucura que é viver de forma incoerente com o evangelho. O insensato é sem noção, ele pensa e age sem discernir aquilo que faz. Caminha para a própria destruição.

O oposto do insensato é aquele que procura compreender qual é a vontade do Senhor para sua vida. O sábio para, discerne e planeja os passos que deve dar de acordo com a Palavra de Deus. Ele não apenas sabe, ele faz. Isto é sabedoria: fazer a vontade de Deus.



Aproveitando o tempo

Aqueles que vivem segundo o evangelho de Cristo, deixaram a tolice da vida incrédula para viverem segundo a sabedoria do Senhor. Estes, que são verdadeiramente sábios, sabem aproveitar bem o tempo. Ao falar sobre “aproveitar ao máximo as oportunidades”, no grego original, Paulo utiliza palavras que dão uma ideia de “comprar de volta” ou “resgatar” o tempo.

O que isso significa? Em suma, devemos aproveitar todas as oportunidades para fazer aquilo que é justo e que honra ao Senhor. Já perdemos muito tempo vivendo sob o domínio do pecado na tolice. Não temos mais tempo a perder.

Tempo é uma das coisas mais valiosas que o Senhor criou e nos deu. O tempo foi uma das primeiras criações de Deus em Gênesis.



Ao dizer “haja luz” o Senhor criou o primeiro dia e, a partir daí, toda criação se deu dentro do tempo de Deus.

O tempo é tão valioso que, no sétimo dia da criação, Deus santificou o tempo. Após terminar toda sua obra, o Senhor separou para si o sétimo dia e descansou. Vemos a importância da dedicação de um dia para o Senhor em vários lugares do Antigo Testamento (Êx 20.8-11; Is 58.13-14).

A partir da ressurreição de Jesus, os cristãos passaram a dedicar o domingo como dia de celebração e culto. Essa é a nossa prática até hoje. E, ainda que nem todos consigam separar o domingo para cultuar, todos devem santificar um tempo para buscar o Senhor em comunidade. O princípio não mudou, o tempo é de Deus.

O sábio é aquele que lembra constantemente que tudo é do Senhor. A vida é um presente generoso de Deus, mas não devemos usá-la da maneira que bem entendemos. Ao separar um dia para si, o Senhor estava deixando claro que o senhor do tempo não é o homem, mas Deus. Dedicar tempo ao Senhor é declarar submissão ao Senhor do tempo. Tempo é algo importante para Deus.

O bom uso do tempo faz parte da nossa adoração a Deus. A maneira como gastamos nosso tempo demonstra onde de fato está o nosso coração. Investimos tempo naquilo que priorizamos, no que pensamos que trará maior retorno. Desperdiçar o tempo dado por Deus é menosprezar as oportunidades que o Senhor nos dá para vivermos de maneira sábia e proveitosa.



Tolos jogam o tempo fora e se embriagam para “passar o tempo”. O tolo não sabe usar seu tempo para a glória de Deus. E qual é a melhor maneira de usarmos o tempo? Buscando ser cheios do Espírito Santo!

A igreja cheia do Espírito Santo

O que significa ser cheio do Espírito Santo? Paulo já nos disse nos capítulos anteriores: Deus deu para a igreja a plenitude daquele que enche todas as coisas. Ou seja, a igreja possui a capacidade de ser cheia daquele que a tudo completa, o Senhor Jesus. Sermos cheios do Espírito Santo é, portanto, nos tornarmos cada vez mais parecidos com Cristo.

O sábio utiliza seu tempo da melhor forma, deixando que o Espírito Santo o torne mais parecido com o Senhor.

O resultado disso é sermos cheios de amor, como ele é. Esta é a evidência de uma igreja cheia do Espírito Santo: uma igreja cheia de amor.

É comum compreender uma igreja cheia do Espírito Santo como uma comunidade que opera muitos milagres e sinais. Entretanto, o “poder” espiritual não é uma evidência do enchimento do Espírito. Sabemos disso pelo que Cristo disse no sermão do monte:



“Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas?

E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”. - Mateus 7:22,23

Manifestações milagrosas não são um sinal da aceitação de Deus. Elas, por si, não são más, de forma alguma, mas não são evidências de amor e santidade. O que nos diz se os sinais sobrenaturais estão de acordo com a vontade de Deus é a obediência à Escritura. Afinal, Cristo também disse:

“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.” - Mateus 24:24

O que demonstra se uma igreja é cheia do Espírito Santo ou não, não são os milagres, mas o amor. Um povo cheio do Espírito é um povo cheio do amor de Deus. Observe que o mandamento é plural e não singular. O ambiente descrito por Paulo para a igreja ser cheia do Espírito Santo é o ambiente de culto:

“Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito, falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor, dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. – Efésios 5:18-20



É na comunidade que somos cheios do Espírito! O amor só se revela e só é possível em comunidade. A igreja é o lugar onde todos os irmãos se enchem de amor e abençoam uns aos outros no poder do Espírito Santo.

Como, então, aproveitar o tempo? Nos reunindo para celebrar ao Senhor em tudo, com gratidão, louvor e profunda adoração. É na comunhão que o Senhor determina sua bênção. E é em nosso tempo dedicado e santificado de adoração comunitária que o Senhor nos enche do seu Espírito.

Perguntas para reflexão

1. Entendendo que onde você gasta tempo é ali que está seu amor, como você tem amado?
2. A utilização do seu tempo está alinhada com aquilo que você diz priorizar?
3. A administração do seu tempo revela o seu amor ao Senhor?
4. Qual tem sido sua maior fonte de prazer onde você investe seu tempo?

CASAMENTO: A VITRINE DE CRISTO PARA O MUNDO

Efésios 5:21-33

O evangelho de Cristo afeta as nossas relações mais básicas. E, por afetar nossas relações, afeta toda a sociedade.

Tratando dos imperativos do evangelho, que são o resultado da revelação de Cristo na vida da igreja, Paulo fala de que maneira o povo de Deus vive e promove a unidade em seu meio. Após falar dos aspectos mais comunitários, ele bate na porta de nossas casas, adentra nosso ambiente familiar e passa a nos ensinar como a nova realidade em Jesus transforma nossas mais íntimas relações.

A relação principal, onde se origina a família e que sustenta todas as estruturas sociais, é o casamento. É por isso que casamentos destruídos geram uma sociedade destruída. Mas, também é verdade que casamentos redimidos mudam a realidade ao seu redor.



Efésios 5.21-33 nos dá uma nova e poderosa perspectiva sobre o propósito de Deus para o casamento. Mas, para compreendermos bem esta poderosa mensagem, precisamos analisar com calma o contexto no qual se encontravam os crentes na época de Paulo. Afinal de contas, podemos cometer graves erros de interpretação ao ler passagens como essa sem um entendimento do quadro geral.

As cartas e seus propósitos

Efésios é parte do conjunto de cartas paulinas que compõem o Novo Testamento. As epístolas, como também são conhecidas, devem ser lidas como quaisquer outros livros bíblicos: dentro de seus contextos e objetivos.



Cartas possuem remetentes, destinatários e propósitos específicos. E, por consequência, tratam de questões específicas que nem sempre se aplicam a todas as pessoas. Tendo isso em mente, podemos compreender que nem tudo nas cartas do NT são afirmações normativas. O que isso quer dizer? Que algumas declarações presentes nas cartas se aplicam apenas ao contexto e época dos destinatários originais.

Com isso, não estamos dizendo que essas questões não normativas não possuem princípios a serem aplicados em todas as épocas e lugares. Mas é necessário entender bem o contexto dessas afirmações para não cair em interpretações equivocadas e que contradizem outros trechos das Escrituras.



Por exemplo, 1 Coríntios 11.13-14 apresenta:

“Julguem entre vocês mesmos: é apropriado a uma mulher orar a Deus com a cabeça descoberta? A própria natureza das coisas não lhes ensina que é uma desonra para o homem ter cabelo comprido, e que o cabelo comprido é uma glória para a mulher? Pois o cabelo comprido foi lhe dado como manto. Mas se alguém quiser fazer polêmica a esse respeito, nós não temos esse costume, nem as igrejas de Deus.”

Se aplicarmos este texto sem considerar seu contexto, teremos que assumir como sinal de desobediência a não utilização do véu nas igrejas. Como também proibir qualquer homem de usar cabelos compridos na congregação. Se fizermos isso, estaremos ignorando o fato de que o contexto histórico e cultural daquela época possuía símbolos e significados diferentes do nosso.

Outro exemplo, mesma epístola aos coríntios, é esta passagem:

“permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja.” - 1 Coríntios 14:34,35



Uma leitura isenta do contexto imediato da carta e do contexto geral do NT diria que mulheres não podem, sob hipótese alguma, falar nas igrejas. Essa interpretação equivocada faz com que a própria carta de 1 Coríntios entre em contradição, pois, no capítulo 11, Paulo reconhece que as mulheres oram e profetizam no culto, e ele não as repreende por isso.

O próprio apóstolo saúda e recomenda várias mulheres em Romanos 16. Lucas escreve sobre a profetisa Ana, que falava a todos sobre o menino Jesus (Lc 2.36-38). Poderíamos citar outras dezenas de passagens onde mulheres são descritas exercendo seus papéis nos cultos e nas igrejas.

O que queremos dizer com tudo isso? Que precisamos compreender o contexto de cada texto para tomarmos conclusões assertivas e saudáveis. Efésios 5.21-33 certamente se enquadra neste princípio.

Onde a leitura inicia faz toda a diferença

Tendo em vista os cuidados que devemos ter na interpretação dos textos de Paulo a partir de seus contextos, podemos partir para uma segunda boa prática de interpretação. Antes de escolhermos um trecho específico da Escrituras para interpretar, precisamos verificar onde começa e onde termina o assunto da passagem escolhida.

As diferentes versões de traduções bíblicas costumam apresentar intertítulos que facilitam a divisão dos assuntos. No entanto, temos que ter em mente que estas divisões não são originais do texto. Quando Paulo escreveu aos efésios, ele não imaginou que, anos mais tarde, iríamos fatiar seus escritos em pequenas sessões para as interpretar separadamente. Os intertítulos presentes nas versões de tradução da Bíblia são apenas sugestões de divisão, e não regras.

Mas, por que isso é importante?

Veja, a NVI (Nova Versão Internacional) sugere a divisão dos assuntos do texto que estamos estudando de Efésios 5 no verso 22. Já a NAA (Nova Almeida Atualizada), coloca seu intertítulo no verso 21. Se fizermos uma leitura do texto a partir do verso 22, o entendimento da passagem se iniciará com o seguinte mandamento:



“Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como ao Senhor,”

Lendo este trecho isoladamente, alguém poderia pensar que a Bíblia está obrigando mulheres a obedecerem a seus maridos de maneira irrestrita. Esta pessoa poderia encontrar aqui um subterfúgio para afirmar que as esposas devem obedecer em tudo aos seus maridos, incluindo obrigações abusivas e autoritárias.

É claro que esta leitura estaria equivocada à luz do restante do capítulo. No entanto, veja a diferença que faz iniciar o assunto do casamento no verso 21:

“Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo.”

O verso 21 apresenta um contexto maior de sujeição mútua que, por sua vez, tem início no verso 18, onde o imperativo é “deixem-se encher do Espírito”. Ou seja, uma leitura a partir do contexto maior irá demonstrar que a relação de sujeição no casamento só existe a partir da sujeição maior dos crentes uns aos outros no temor de Cristo.

Portanto, o imperativo “sujeitem-se” não é direcionado apenas para as esposas, mas para todos. É no temor de Cristo que toda sujeição está ancorada. E, além disso, é necessário enfatizar que o verso 22 no original grego não contém o verbo sujeitar. Em uma tradução literal, o texto traria: mulheres, aos seus maridos, como ao Senhor. Isso significa que o texto pega emprestado o verbo do verso 21, reforçando o argumento de que a sujeição só existe porque ela é mútua em toda a igreja.



Certo, esta realidade desarma muitos argumentos autoritários. Mas, somente essas informações não são suficientes para revelar o peso das afirmações disruptivas e transformadoras de Efésios 5. Para entendermos e sermos impactados pelas verdades inspiradas pelo Espírito aqui, precisamos conhecer melhor o pano de fundo no qual viviam os efésios naquela época.

Marido, pai e senhor em uma sociedade caída

Paulo escreveu aos efésios dentro do contexto do império romano no primeiro século. Compreenderemos melhor o grande efeito de suas palavras à luz daquele momento histórico.

A figura de autoridade central no mundo romano era o pater famílias. Este título era destinado a homens de honra e influência na sociedade.

. Ser um pater famílias era uma posição tão elevada que o próprio imperador era chamado de o pater famílias de Roma, ou seja, o grande pai do império.

Na lei romana, o pater famílias possuía pleno direito de propriedade sobre sua esposa, filhos e escravos. E, por possuir pleno direito, era juridicamente aceitável que ele fizesse o que bem entendesse com aqueles que estavam debaixo de sua autoridade. Se ele quisesse abandonar um filho recém-nascido, violentar sua esposa e matar seus escravos, ele tinha todo direito legal para isso.

Dentro deste cenário, não é difícil imaginar como as relações de autoridade eram abusivas para mulheres, crianças e escravos naquela época. Um pater famílias exercia sua autoridade com abuso e violência e, assim, sua família deveria estar sujeita a ele.





Tendo este contexto em vista, podemos ver o quão disruptivas são as palavras do Espírito Santo através do apóstolo. Veja, Paulo não está apenas dizendo que mulheres, filhos e escravos deveriam ser sujeitos aos seus maridos, pais e senhores, ele está nivelando todos em sujeição mútua por causa de Cristo Jesus.

É necessário repetir outra vez: a sujeição no casamento só existe dentro do contexto maior de sujeição mútua no temor de Cristo. Ou seja, em Cristo, não há uma autoridade máxima e abusiva que pode “liderar” através de opressão e violência, mas um ambiente de amor, honra e respeito que se dá por causa do enchimento do Espírito Santo (Ef 5.18).

O peso maior de responsabilidade recai sobre o pater famílias. É como se Paulo dissesse: não homem, você não tem direito de oprimir sua família e usá-la ao seu favor. Você tem o dever de amar e servir sua esposa como Jesus faz com a igreja

Você tem o dever de amar e servir sua esposa como Jesus faz com a igreja. Deve servir sua casa a partir do exemplo de Cristo.

Em vista disso, podemos compreender quais são os papéis do homem e da mulher no casamento, de acordo com Efésios 5.21-33. A mulher se sujeita ao marido lhe honrando, respeitando e amando, porque, primeiramente, ela está sujeita ao Senhor. Já o marido, exerce seu papel de “cabeça” de sua esposa procurando cuidar dos interesses dela, lhe amando e servindo à luz do exemplo de Cristo. Afinal, Cristo liderou com a bacia e a toalha nas mãos.

Essa realidade, quando posta em prática, transforma qualquer casamento. E, acredite, casamento é algo extraordinário e importantíssimo para Deus. Sabemos disso pelo que é dito no final de Efésios 5, onde o Espírito revela o propósito final do casamento.

O verdadeiro propósito do casamento

Paulo diz que há um mistério no casamento. E qual é este mistério? Deus, por sua insondável sabedoria, decidiu fazer da união do homem e da mulher uma ilustração da união de Cristo e da Igreja.

“Eis por que “o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja.” - Efésios 5.31-32

O casamento tem uma finalidade diferente da qual muita gente pensa. O fim do casamento não é a felicidade. É claro que em um casamento cheio do Espírito haverá felicidade. Entretanto, a missão do casamento não é realização pessoal e felicidade superficial. O casamento é um chamado. E um chamado para quê? Revelar a expressão da unidade inquebrável do amor entre Cristo e a igreja.

No Senhor, nossos casamentos são redimidos ao seu propósito original. Em Cristo, nossa unidade em amor com nossas esposas e maridos é uma expressão de Jesus e sua igreja para o mundo. As pessoas devem olhar para nossos casamentos e ver a realidade manifesta da obra perfeita de Deus em Cristo.

A unidade no casamento é uma expressão da unidade de Cristo com a sua Igreja.

Debaixo desta missão, ser casado é construir uma relação que revela a Jesus. É a demonstração de uma só carne composta de duas pessoas unidas à luz do evangelho. É deixar para trás os padrões mundanos de abuso e manipulação egoísta, para sermos um como Cristo é um com sua noiva.

Nosso referencial no casamento é Cristo. E praticamos o casamento na presença do Espírito Santo.



Diante disso: esposas, sujeitem-se aos seus maridos, respeitando, honrando e promovendo a unidade em Cristo. E, maridos, sujeitem-se às suas esposas, amando, servindo e cuidando dos interesses delas, como Cristo faz com a Igreja.

Em Cristo há uma nova forma de se viver o casamento.

Em Cristo há uma nova forma de se viver.

Perguntas para reflexão

1. Você foi muito marcado por casamentos destruídos, seja o dos seus pais ou o seu? A palavra de Deus quer ressignificar aquilo que você entende como casamento e família. Deixe que o Senhor te ensine esta nova e melhor forma de se viver.
2. Seu casamento expressa a relação de Cristo e da Igreja ou é um ambiente de discórdia e abuso?
3. Você tem passado por grandes dificuldades no casamento? Ore para que o Senhor intervenha e faça do seu casamento uma unidade de amor. Comece hoje mesmo a praticar em seu lar a sujeição que aprendemos em Efésios.
4. Você ainda não é casado(a)? De que formas você pode se preparar para que seu futuro casamento seja uma expressão de Cristo?

NÃO SEJAM PARCIAIS EM SUAS RELAÇÕES

Efésios 6: 1-9

A palavra-chave para os imperativos do evangelho em Efésios de 4 a 6 é unidade. Assim como Jesus uniu céus e terra em uma única realidade, somos chamados a viver essa mesma unidade em nossas relações mais básicas. Os nossos próximos mais próximos certamente serão afetados pelo evangelho em nós.

Após falar sobre o casamento, que é a primeira e mais fundamental relação afetada pelo evangelho, Paulo passa a tratar das relações entre pais e filhos e senhores e escravos. No mesmo tom transformador e disruptivo que o apóstolo usou ao falar sobre a forma como maridos e esposas devem viver a nova vida em Cristo, ele revoluciona as estruturas de seu tempo nessas outras relações.



Muitos dizem que a Bíblia suporta as estruturas de opressão presentes no mundo. Quem diz isto certamente não leu ou não entendeu a Escritura. Tanto no Antigo como no Novo Testamento as formas de opressão dos poderosos sobre os fragilizados são desafiadas. O ápice disso se dá na revelação da Nova Aliança que também está expressa no capítulo de 6 de Efésios.

Quem lê superficialmente a Palavra de Deus, diz: tudo bem você ser escravizado ou filho de um pai opressor, desde que você vá a igreja! Quem assim interpreta o texto bíblico não compreendeu a revolução que ele de fato propõe. Veja, a lógica do evangelho não procura mudar sistemas injustos, pois sistemas injustos são feitos de pessoas injustas. O evangelho muda as pessoas. A partir de pessoas transformadas, os sistemas são transformados.

Os indicativos e imperativos do evangelho vividos na igreja são uma bomba atômica para as estruturas de opressão deste mundo. Se vivermos a partir do evangelho, injustiças serão desfeitas. Vejamos como isto se dá na família e no trabalho; nas relações de pais e filhos, senhores e escravos.



Pater famílias

Como já foi dito no capítulo anterior, o contexto no qual Paulo e seus leitores estão inseridos é o do império romano no primeiro século. Neste contexto, a figura central da sociedade era o pater famílias. Quem recebia este título eram os homens de honra dentro dos moldes romanos, que ascendiam socialmente através de relações políticas.



Aparência, status, poder e influência eram as palavras que geriam a vida de um pater famílias. Este era um título tão elevado que o próprio imperador era chamado de pater famílias de Roma, ou seja, o pai do império.

Neste contexto, as esposas serviam apenas como suporte para que seus maridos alcançassem seus objetivos. Já os filhos, poderiam valer muito pouco neste cenário. Era direito do pater famílias reconhecer ou não como filho uma criança. Mesmo filhos biológicos podiam ser desprezados e descartados por seus pais. A palavra que definia uma criança no império romano era vulnerabilidade.

Este entendimento nos leva a conceber melhor o que Cristo disse na seguinte passagem:

“e disse: "Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus.”

- Mateus 18:3

O Senhor não estava fazendo referência à suposta “pureza” das crianças, nem mesmo a uma atitude infantilizada dos discípulos. Crianças comuns não tinham valor ou relevância alguma para aquela época. Na verdade, ele estava deixando claro para as pessoas de seu contexto que apenas os que se consideram como coisa alguma podem entrar no Reino de Deus.

O nível de humilhação de uma criança no império romano era tamanho que, se uma criança fosse escrava de um pater famílias, ele poderia abusar sexualmente dela livremente.

Não era nada incomum que crianças escravas se tornassem brinquedos sexuais de seus senhores perversos.

Ser filho no império romano era estar completamente sujeito à vontade dos pais ou dos senhores. É neste cenário que Paulo escreve aos pais e filhos da igreja de Éfeso.

Pais e filhos

Para os filhos, Paulo diz: obedecem aos vossos pais no Senhor (Efésios 6.1). Observe que o apóstolo enfatiza que a obediência aos pais não é sem parâmetro, mas no Senhor. E o que isto significa? Se Cristo é o Senhor de nossos pais, nós nos sujeitamos a eles debaixo da sujeição mútua que temos em Jesus. Veja a revolução, Paulo está dizendo que pais e filhos estão no mesmo patamar de valor diante de Cristo. Ou seja, filhos devem se sujeitar aos pais porque primeiro estão sujeitos a Jesus.



Porém, uma pergunta poderá surgir: e se os pais não forem cristãos? O que a Bíblia está dizendo é que nossas relações com nossos pais, sejam crentes ou descrentes, devem ser pautadas em obediência e amor, pois, antes de mais nada, pertencemos a Cristo. A obediência dos filhos promove a unidade na relação familiar e testemunha da verdadeira união com Deus. Mesmo os pais descrentes poderão ser honrados e ver a transformação do evangelho em seus filhos, pois eles são de Cristo.

Se nestes primeiros versículos de Efésios 6 a revolução está implícita, nos seguintes ela é escancarada. Ordenar a sujeição dos filhos aos pais soaria natural para qualquer pessoa da época. O problema se dá quando Paulo nivela pais e filhos ao dizer: “pais, não provoquem a ira em seus filhos. O apóstolo está igualando as responsabilidades de um pater famílias aos seus filhos, isso era um absurdo.

O que deixa o escândalo mais evidente nesta passagem é saber que Paulo não está se referindo aos pais como homem e mulher, mas especificamente aos homens. O que ele está dizendo é que os homens são diretamente responsáveis pelo relacionamento, educação e vida de seus filhos, não somente as mulheres.

Naquele contexto, os homens eram responsáveis pelo trabalho fora de casa, pelas articulações políticas e sociais. Eram as mulheres que educavam as crianças em tudo. Paulo está dizendo: homens, vocês devem se responsabilizar por seus filhos e manter a paz no relacionamento com eles também! O apóstolo está transtornando o império ao afirmar que os papéis podem ser diferentes, mas o valor é igual.





O que deixa o escândalo mais evidente nesta passagem é saber que Paulo não está se referindo aos pais como homem e mulher, mas especificamente aos homens. O que ele está dizendo é que os homens são diretamente responsáveis pelo relacionamento, educação e vida de seus filhos, não somente as mulheres.

Naquele contexto, os homens eram responsáveis pelo trabalho fora de casa, pelas articulações políticas e sociais. Eram as mulheres que educavam as crianças em tudo. Paulo está dizendo: homens, vocês devem se responsabilizar por seus filhos e manter a paz no relacionamento com eles também! O apóstolo está transtornando o império ao afirmar que os papéis podem ser diferentes, mas o valor é igual.

Em Cristo, os filhos promovem a unidade na obediência e sujeição. Os pais geram unidade sendo educadores e orientadores ativos e amorosos na vida de seus filhos. Foram estas verdades, vividas pelas famílias cristãs, que mudaram para sempre o império romano e o mundo.

Escravos e senhores

Como se não fosse suficientemente revolucionário o que disse sobre o casamento e a relação entre pais e filhos, Paulo passa a falar sobre como escravos e senhores devem viver debaixo do evangelho. Não podemos nos esquecer que havia mais escravos do que pessoas livres no império romano.

Nem Paulo, ou qualquer outro autor bíblico, promoveu a escravidão. Pelo contrário, foram seus escritos que fundamentaram toda a abolição da escravidão século mais tarde.

Imaginar o mundo daquela época sem escravos seria como imaginar o nosso mundo sem energia elétrica. Paulo não queria causar caos social e político, mas sim mudar corações que, uma vez transformados, mudariam também o mundo.

Os escravos eram considerados propriedade de seus senhores. Eles eram como objetos de trabalho. Poderiam ser comprados ou vendidos, mantidos ou descartados. Se dirigir no mesmo texto a senhores e escravos falando sobre obrigações mútuas jamais seria considerado “aceitável”. Mais uma vez Paulo está igualando, em Cristo, o que o mundo considera ridiculamente desigual.

O próprio apóstolo Paulo se considerava um escravo de Cristo. Portanto, ao se referir aos escravos, ele se põe como um igual perante eles. Ele deixa claro que os senhores deste mundo, são senhores apenas segundo a carne.

Ou seja, os “donos” de escravos eram donos apenas por um instante. Em Cristo, todo escravo era livre e pertencia a um único Senhor, Jesus de Nazaré. Por isso, todo escravo poderia trabalhar com diligência, afinal, estava servindo ao seu verdadeiro Senhor em última instância.

Se somos escravos de Jesus, não há sistema deste mundo que possa nos aprisionar. Pois, “se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.36).



Por isso, Paulo escreve:

“porque vocês sabem que o Senhor recompensará a cada um pelo bem que praticar, seja escravo, seja livre.” – Efésios 6:8



Por fim, Paulo fala das obrigações dos senhores de escravos, deixando claro que, em Cristo, tanto senhores (na carne) como escravos (na carne) estão debaixo do mesmo senhor. Assim ele escreve para reprovar toda violência e abuso, pois são expressões inversas ao amor manifesto no senhorio de Cristo:

“Vocês, senhores, tratem seus escravos da mesma forma. Não os ameacem, uma vez que vocês sabem que o Senhor deles e de vocês está nos céus, e ele não faz diferença entre as pessoas.” – Efésios 6:9

O imperativo para nossas relações

Diante da transformação gerada pelo evangelho no povo de Deus, qual é o imperativo que deve guiar as nossas relações? Apenas um: sirvam. O serviço mútuo é a maior demonstração de amor da família de Deus. Nenhuma posição social e mundana poderá jamais eclipsar nossa verdadeira posição em Cristo Jesus.

Maridos e mulheres, pais e filhos, senhores e escravos, todos são redimidos e ressignificados diante do evangelho de Jesus. Em Cristo, Deus está unindo céus e terra. Em Cristo, Deus está unindo nossas relações. Em Cristo, por Cristo e para a glória de Deus tudo se faz novo.



Perguntas para reflexão

1. Como está sua relação com seus pais? Seus pais estão no Senhor? Como honrá-los e obedecê-los?
2. Como está sua relação com seus filhos? Seus filhos estão no Senhor? Você está baseado nos indicativos do evangelho enquanto se relaciona com seus filhos?
3. Avalie suas relações na escola, no trabalho, na igreja. Você identifica parcialidades e exclusões de algum tipo? Se sim, arrependa-se e não seja parcial em suas relações.
4. Somos chamados à liberdade e isso significa estar preso profundamente a Jesus e seu evangelho. Temos vivido uma vida de serviço mútuo em nossas relações? Como você avalia essa área de sua vida?

A VERDADEIRA BATALHA DA IGREJA

Efésios 6: 10-20

Efésios 6.10-20 apresenta o desfecho de toda a epístola. É a conclusão de tudo o que Paulo descreveu em sua carta, que, mesmo sendo curta, é um tratado sobre a natureza do evangelho e a identidade da igreja. O que está escrito nessa passagem está em conexão direta ao que foi descrito desde o primeiro capítulo. O assunto é o mesmo: se Cristo Jesus ressuscitou dos mortos, há uma nova forma de se viver.

A conexão de Efésios 6.10-20 com o restante da carta fica evidente ao compararmos esta passagem com o capítulo 1:

“Finalmente, fortaleçam-se no Senhor e no seu forte poder.” - Efésios 6:10

“Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele.

Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos e a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, conforme a atuação da sua poderosa força.

Esse poder ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita, nas regiões celestiais.” - Efésios 1:17-20



Os termos em grego utilizados pelo apóstolo em Ef 6.10 e Ef 1.19 são quase idênticos. O que ele deseja demonstrar com isto? Que o que ele dirá em seguida é um resumo de todas as implicações práticas dos indicativos e imperativos do evangelho exposto em toda a carta.

Veja, se o que nos faz igreja é a força do poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos, poderemos:

- Amadurecer em nossa vocação de crescer à imagem de Cristo;
- Preservar a unidade;
- Imitar a Deus;
- Sermos luz no Senhor;
- Crescermos como povo na prática do amor.

Ou seja, iremos corresponder a todos os indicativos e imperativos do evangelho. Porém, isso não ocorre de forma passiva, como por osmose. Corresponder à vontade de Deus revelada em Cristo demanda desenvolvimento prático e real.



Ser igreja, conforme o evangelho, significa crescer e amadurecer e isso implica exercício contínuo. Precisamos exercitar continuamente nossas consciências, desejos e decisões à luz do fato de que Jesus está vivo e é o Senhor de todo o universo.

Assim, é muito relevante que Paulo insira uma nova metáfora para representar o povo de Deus. Ele já havia ilustrado a igreja como a obra de arte de Deus, o corpo de Cristo, o templo do Espírito e filhos adotivos do Senhor, mas agora ele a descreve como um exército.

Esta metáfora pode parecer destoar das anteriores, no entanto, descreve de maneira excelente a identidade da igreja no mundo. Afinal, a vida cristã é uma guerra.



Estamos em guerra

Pertencer a Cristo e possuir sua nova identidade significa estar em meio a uma luta feroz. Se você for um crente que leva a sério a Palavra de Deus, não será difícil atestar esta verdade. Se olharmos apenas para a carta de Efésios, veremos muito claramente a batalha que é praticar os imperativos do evangelho. Você sabe do que estamos falando se:

- Se dedicou a preservar o vínculo da paz entre a família da fé;
- Tentou reorganizar suas prioridades para que sua vida seja de fato um instrumento de serviço e dedicação ao povo de Deus;
- Buscou se afastar da imoralidade sexual;
- Tentou resistir à ganância;
- Tentou remir o tempo;
- Buscou se sujeitar aos outros no temor do Senhor;

- Cultivou a sujeição e a unidade, tanto na igreja quanto em casa, com seu cônjuge, filhos e pais.

Quem busca caminhar nos imperativos do evangelho sabe com certeza que estamos em guerra. Paulo já havia falado um pouco sobre isso anteriormente, ao descrever que já estamos nas regiões celestiais em Cristo, mas as forças do caos ainda insistem em se colocar em oposição à Cristo e sua igreja.



A árdua batalha que travamos

Estamos em guerra porque estamos em um território ocupado por forças hostis ao Senhor do universo. Mas que forças são essas? C.S Lewis escreveu muito sabiamente a respeito de nossa guerra:

“Nossa raça pode cair em dois erros igualmente graves, mas diametralmente opostos quanto aos demônios:

1. Não acreditar na existência deles;
2. Acreditar na existência maligna, mas sentir um interesse excessivo e doentio por ela.

Os demônios ficam satisfeitos com os dois erros e saúdam igualmente o materialista e o bruxo com muito prazer.” - Cartas de um diabo ao seu aprendiz



Mesmo derrotadas, as forças das trevas ainda estão presentes em nosso mundo. É vital para todo o cristão reconhecer essa realidade. As hostes malignas continuam agindo entre os homens marcados pela realidade de Gênesis 3.



Muitos cristãos incorrem nos diferentes erros listados por Lewis, no entanto, tendo em vista a realidade da igreja brasileira, podemos observar que é o segundo e não o primeiro o maior dos nossos problemas. Quantos cristãos atribuem a Satanás uma posição e um destaque que ele não tem? E quantos não simplificam todas as dores humanas ao agir das trevas?

A carta de Efésios nos ajuda a navegar nessa realidade da existência das forças do mal, mas diante da realidade ainda mais pungente da vitória soberana de Cristo sobre elas. Paulo nos ensina como devemos nos portar como igreja diante da influência demoníaca presente neste mundo caído.

Cristo ressuscitou. O sepulcro está vazio e o trono do universo está ocupado. Toda a plenitude do cosmo pertence a Jesus e ele a deu a sua igreja. Portanto, não devemos temer.



A batalha que travamos é árdua, mas já está vencida. Jamais a venceríamos por nossas próprias forças, afinal, éramos escravos desses que agora militam contra nós. Foi o Senhor quem nos tirou do domínio das trevas para o Reino de sua maravilhosa luz. É ele quem nos demonstra como vencer diariamente esta batalha.



Contra quem é a nossa guerra?

Paulo é enfático ao dizer que nossa luta não é contra carne ou sangue. Em outras palavras, não lutamos contra pessoas e nem da forma como o mundo luta suas guerras. Enfrentamos forças espirituais do mal, forças essas que estão presentes na forma mundana de se pensar, nas filosofias e nos sofismas que são inimigos de Deus e do evangelho. Não lutamos contra pessoas, mas contra os poderes que estão por trás delas.

No entanto, algo precisa ficar claro antes de prosseguirmos. Quando Paulo afirma que estamos envolvidos em uma batalha espiritual, ele não está dizendo que devemos viver e praticar um misticismo pagão onde é necessário decifrar onde o diabo está escondido. Ele não está dizendo que devemos viver vigiando os passos para evitarmos as “retaliações” do inimigo.

Muito pelo contrário, ele está declarando nossa vitória final e definitiva por meio daquele que já venceu.

O misticismo que vemos empregado em tantas igrejas é oposto ao que a Bíblia afirma. Afinal, a Bíblia declara que Deus é de fato Deus, o soberano de toda a criação. Logo, absolutamente nada acontece sem antes passar no crivo do Senhor. Nem o diabo e suas forças do caos são páreos para aquele que nos deu vida com Cristo Jesus.

Da mesma forma, o apóstolo não está ensinando uma postura triunfalista que instiga uma imposição da nossa forma de viver ao resto da sociedade. Paulo escreve estas palavras de dentro de uma cela. Isso por si só já demonstra que a vitória de Cristo segue um caminho muito diferente dos poderosos deste mundo.

Nossos inimigos verdadeiros não são pessoas ou coisas em si, mas as forças sombrias que atuam por detrás das cortinas do mundo. Nossa luta é contra forças espirituais do mal que influenciam as pessoas a uma aversão ao evangelho que as escraviza na desobediência.

Nossa luta é contra todo padrão de pensamento que o mundo valoriza, mas que contradiz a verdade do evangelho. Nossa luta é contra qualquer realidade que insiste que pode haver vida fora de Cristo Jesus.

De fato enfrentamos dura resistência. No entanto, nossa luta é real somente porque Jesus ainda não consumou plenamente a sua vitória. No último dia, quando até mesmo a morte for colocada debaixo dos pés do Senhor, essa luta se encerrará perpetuamente.

Nossa guerra não é travada a partir de nossas forças, armas ou estratégias, mas na dependência de Jesus que já venceu o mundo. É exercitar nossa dependência no poder absolutamente vitorioso de Cristo que nos faz permanecer de pé.



Lutamos ao resistir

O verso 13 descreve qual é a nossa postura de combate na guerra que travamos:

“Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo.” – Efésios 6:13

A armadura é o mecanismo de defesa mais básico de um exército. Isso já diz bastante sobre nossa forma de batalhar: somos chamados à resistência. Nosso papel nesta guerra não é tentar conquistar as trevas com nossas estratégias, mas tão somente permanecer firmes na vitória já conquistada pelo Senhor.

No contexto em que Paulo escreveu Efésios, a armadura possuía duas principais funções:

1. Representar a identidade romana: apenas cidadãos romanos podiam vestir a armadura do exército. Escravos e estrangeiros eram proibidos de utilizar a vestimenta militar;
2. Ser a ferramenta mais básica em uma luta: a armadura romana era projetada para ser eficiente em batalha, guardando os pontos vitais do soldado e, por consequência, de todo o batalhão.

Da mesma maneira que um cidadão romano representava Roma e resistia aos bárbaros com sua armadura, a igreja deve representar os valores do Reino de Deus se mantendo firme contra as trevas, revestida da armadura de Deus.

Vestidos do caráter de Deus

Vestir-se da armadura de Deus não é uma ação mística e invisível que nos dá uma proteção espiritual especial. Não é este o sentido do texto. O mais importante é compreender o material do qual essa armadura é feita. Veja, a armadura de Deus diz respeito ao caráter de Deus. O cinto da verdade, a couraça da justiça, o capacete da salvação, o escudo da fé, as sandálias da prontidão do evangelho da paz e a espada do Espírito que é a Palavra de Deus, são componentes que ilustram o caráter imutável de nosso Senhor e Deus.

Este texto não está isolado do restante das Escrituras, ele faz referência ao que já havia sido escrito em Is 59.17. O profeta havia anunciado, há muito tempo atrás, que o próprio Senhor lutaria pelo seu povo. E como Deus faria isso? Vestido de sua armadura de guerreiro, que é o seu caráter de verdade, justiça e misericórdia.

Paulo brinca com os componentes de uma armadura romana para nos mostrar que o que nos faz resistir ao mal é nossa constante identificação com o caráter de Deus e seus interesses. Vestir-se da armadura de Deus é vestir-se do caráter de Deus: justiça, paz e verdade.

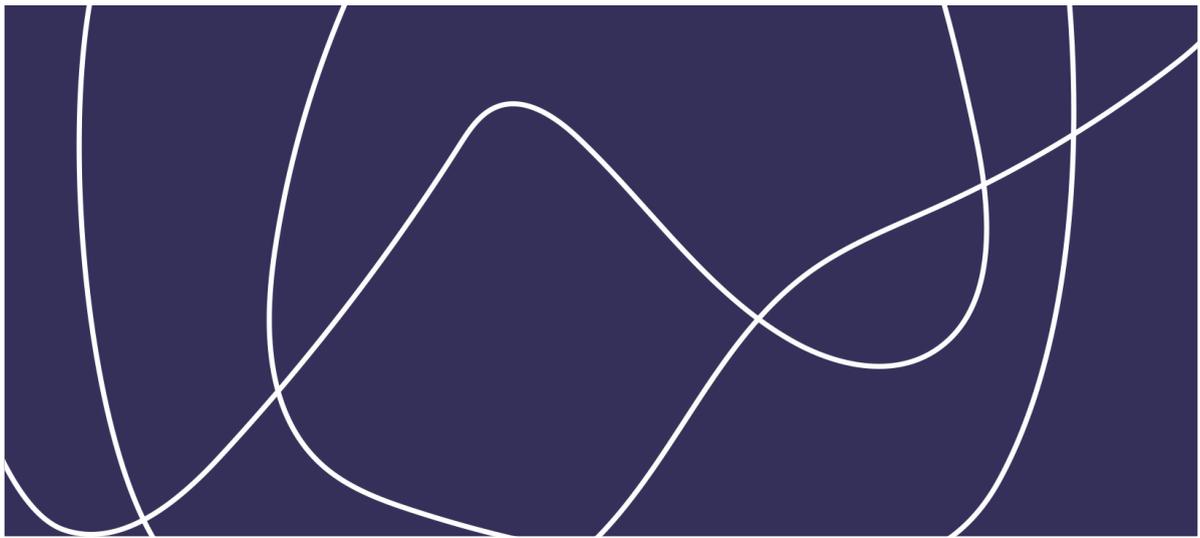


O cinto da verdade representa o fato de que é a verdade de Deus que mantém e sustenta toda a nossa vida.

A verdade do evangelho, que é descrita nos indicativos do capítulo 1-3, é o que segura a nossa identidade. Perder de vista os indicativos do evangelho é se despir de tudo o que Cristo nos chama para viver.

A justiça de Deus é a nossa couraça, porque o interesse de Deus em colocar todas as coisas em seu devido lugar é justiça sendo feita. A justiça de Deus manifesta em nossas vidas é a característica mais visível de quem nós somos.

As sandálias da paz indicam que é a mensagem da paz e da reconciliação que nos move em direção a nossa missão e vocação. Já a fé, que deve ser o nosso escudo, é a plena convicção de que estamos firmes e protegidos em Cristo contra as artimanhas e acusações do maligno.



A salvação é um capacete que protege nossa mente contra toda mentira pregada pelo mundo. E nossa espada, a única arma que nos permite avançar, é a Palavra de Deus. A proclamação da mensagem de Cristo é o que nos faz prosseguir como igreja vitoriosa.

Fazer parte do exército de Deus é estar engajado na luta constante contra os principados e potestades, mas firmes na verdade, justiça, fé, salvação e paz que o Senhor nos dá. Nossas armas são diferentes das armas do mundo. Permanecemos e avançamos na força imbatível do Senhor.

A armadura da igreja

A imagem da armadura de Deus tem uma mensagem intrínseca que diversas vezes perdemos de vista. A armadura não é, e nem pode ser, vestida por um indivíduo. A armadura romana não poderia ser vestida por uma única pessoa, se fazia necessário o auxílio de outros para atar e montar todo o equipamento. Da mesma forma, a armadura de Deus não pode ser vestida por uma única pessoa, ela é vestida por toda a igreja.

Precisamos uns dos outros. A armadura é vestida em conjunto por todo o povo de Deus, pois todo o povo de Deus é o corpo de Cristo e sua representação no mundo. A luta é da igreja como também a vitória é da igreja. Só podemos crescer e nos desenvolver no evangelho quando caminhamos como igreja e como igreja resistimos ao maligno.

Portanto, a vida em comunidade é absolutamente vital. Deus não chamou ninguém para ser um cavaleiro solitário. Somos chamados e vocacionados para sermos um povo, um exército triunfante. Por isso que Paulo encerra sua carta mais uma vez enfatizando a centralidade da oração comunitária:

“Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos.

Orem também por mim, para que, quando eu falar, seja-me dada a mensagem a fim de que, destemidamente, torne conhecido o mistério do evangelho,

pelo qual sou embaixador preso em correntes. Orem para que, permanecendo nele, eu fale com coragem, como me cumpre fazer.” – Efésios 6:18-20

O próprio apóstolo Paulo dependia da oração dos irmãos. O que mais precisa ser dito? Nós precisamos uns dos outros. Apenas em unidade venceremos esta guerra. Apenas em unidade seremos cada dia mais parecidos com Jesus. Qual deve ser, portanto, o nosso interesse primordial como igreja? Nossos encontros não são um lugar para a pregação de mensagens motivacionais, uma forma de preencher uma agenda semanal ou manter pessoas entretidas. Nos reunimos para ajudar uns aos outros a vivermos como comunidade que cultiva a unidade. Nossa prioridade é sermos um só povo de discípulos de Jesus.

A igreja existe para se identificar com o caráter de Deus e, dessa forma, continuar cumprindo sua santa vocação: ser a nova humanidade da paz em Cristo Jesus.



Perguntas para reflexão

1. Você está comprometido com os indicativos do evangelho?
2. Você se identifica com o caráter de Deus ou está despido de sua armadura?
3. Você tem lutado na batalha com Cristo em conjunto com a igreja ou tem sofrido sozinho?
4. Você tem sido um promotor da unidade e da paz em Cristo ou tem servido para a divisão no povo de Deus por motivos mundanos?